



1917-1987

SOCIALISMO

EM DEBATE

CADERNO DE FOTOS



1917-1987

SOCIALISMO

EM DEBATE

CADERNO DE FOTOS

Fundação Perseu Abramo
Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996

Diretoria

Presidente: Paulo Okamoto

Vice–presidente: Brenno César Gomes de Almeida

Diretoras: Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Alexandre Macedo de Oliveira, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar e Valter Pomar

Conselho editorial

Albino Rubim, Alice Ruiz, André Singer, Clarisse Paradis, Conceição Evaristo, Dainis Karepovs, Emir Sader, Hamilton Pereira, Laís Abramo, Lincoln Secco, Luiz Dulci, Macaé Evaristo, Marcio Meira, Maria Rita Kehl, Marisa Midori, Rita Sipahi, Tassia Rabelo e Valter Silvério

Coordenador editorial: Rogério Chaves

Assistente editorial: Raquel Costa

Organizador da publicação: Valter Pomar

Revisão: Rita Camacho

Projeto gráfico e diagramação: Emilio Font

Fotos: Acervo do Centro de Documentação e Memória Política Sérgio Buarque de Holanda/Fundação Perseu Abramo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

P843s Pomar, Valter (org.)
1917-1987 : Socialismo em debate : caderno de fotos [livro eletrônico]
/ Valter Pomar (org.), Rita Camacho, Vera Jursys – São Paulo : Fundação
Perseu Abramo, 2025.

40p.
Fotos de Vera Jursys
ISBN: 978-65-5626-186-7

1. Instituto Cajamar 2. Biografias I. Título. II. Pomar, Valter (org.) III.
Camacho, Rita IV. Jursys, Vera





Índice

Apresentação	5
Valter Pomar	
A busca pela identificação: da incredulidade à nostalgia	6
Rita Camacho	
Apresentação	9
Apresentação da primeira edição publicada em 1988	
Voltar aos 17	10
Apresentação da edição <i>fac-símile</i> publicada em 2017	
Apresentação da terceira edição	14
Apresentação da terceira edição publicada em 2025	
Álbum de fotos	15
Expediente da primeira edição	36
Frases constantes das abas da primeira edição	36
Aba da capa	
Aba da contracapa	





Apresentação

Valter Pomar

Este livreto contém a minibiografia de parte das pessoas que aparecem na fotografia coletiva tirada ao término do seminário realizado pelo Instituto Cajamar, em 1987, para debater setenta anos de tentativas de construção do socialismo.

A terceira edição do livro *1917-1987 Socialismo em Debate*¹, com a transcrição editada dos debates travados no referido seminário, pode ser obtida na página eletrônica da Fundação Perseu Abramo.

Neste livreto, reproduzimos o caderno de fotos incluído ao término da terceira edição, inclusive como forma de registrar a presença de pessoas que não puderam estar na fotografia coletiva (caso de Jair Meneguelli e Wladimir Pomar, por exemplo). Reproduzimos, também, as apresentações das três edições do livro, bem como os textos da contracapa e das orelhas da primeira edição.

Também neste livreto, incluímos um relato do trabalho de identificação das pessoas e produção das minibiografias, feito pela jornalista Rita Camacho. Fica aqui nosso pedido de que nos

ajudem a identificar aquelas pessoas que estão na foto, mas ainda não sabemos dizer quem são.

Finalmente, mas não menos importante, uma justificativa: a libertação da classe trabalhadora é uma obra coletiva. Cada conquista, pequena ou grande, foi e será resultado da ação de dezenas, centenas, milhares, milhões, dezenas e centenas de milhões de pessoas, ao longo de muitas gerações. A maioria destas pessoas terá, quando muito, sua memória preservada por seus familiares e amigos próximos. Exceto quando há instituições que entendam o quão importante é, para o sucesso de nossa luta, quebrar este relativo anonimato e preservar a memória de todas as pessoas que participam de nossa caminhada coletiva em direção ao socialismo.

Este é o espírito deste livreto e da fotografia que o acompanha.

Boa leitura!

Valter Pomar

*Diretor de cooperação internacional da
Fundação Perseu Abramo*

1. <https://fpabramo.org.br/editora/livro/1917-1987-socialismo-em-debate-2/>



A busca pela identificação: da incredulidade à nostalgia

Rita Camacho

A tarefa era identificar quase uma centena de pessoas que aparecem num registro fotográfico realizado por Vera Jursys em novembro de 1987, no Instituto Cajamar (INCA), durante a realização do seminário 1917*1987 Socialismo em Debate. Quando Valter Pomar, diretor da Fundação Perseu Abramo, enviou-me a foto, reconheci de imediato no grupo apenas os ex-sindicalistas Lula, Vicentinho e Guiba; Luiz Carlos Prestes e o próprio Valter, provavelmente o caçula da turma, e olhe que ele já está em contagem regressiva para os 60 anos.

Imprimi a foto, numerei as pessoas. Eram então 97. Pedi a Valter que indicasse os que reconhecia. Prontamente, em diversos áudios, ele foi apresentando aqueles dos quais tinha absoluta certeza de quem eram. Os rostos foram ganhando nomes. Na primeira fila, todos os sete homens foram rapidamente identificados: Perly Cipriano, Clóvis Ilgenfritz, Marcelo Déda, Jeter Luiz Gomes, Fúlvio Abramo, David Capistrano da Costa Filho, Pedro de Carvalho Pontual. E quem seria a única mulher ali na linha de frente, entre Clóvis e Déda? Ainda não sabíamos.

Lembro-me que teimei com Valter, pois duvidava que o rapaz de bigode farto sentado à esquerda na quarta fila fosse Mercadante. Eu apostava que era Olívio Dutra. Embora os dois tivessem prestigiado o evento e fossem ambos donos dos bigodes mais famosos do PT, Valter

estava seguro de que se tratava do atual presidente do BNDES.

Conforme os nomes me eram apresentados, ia reconhecendo os traços de pessoas que ficariam famosas anos depois. Como Luis Favre, que se casaria com Marta Suplicy quando esta era prefeita de São Paulo. Mas, na ocasião do seminário, ele tinha outra namorada, e ela estava sentada ao lado dele no jardim do Instituto Cajamar, era Marília (hoje Lian) Andrade.

Quando vi que Valter conseguia identificar quase a metade dos companheiros da foto, concordei em aceitar o trabalho, que incluía redigir uma minibiografia de cada um e, a partir dos contatos com aqueles identificados que se dispusessem a observar a foto com atenção, identificar mais gente. Colaborações como a de Wander Bueno do Prado e sua companheira, Luciana Fragato, foram de grande ajuda. Foi o casal que identificou, por exemplo, o ex-petista Eduardo Jorge como um dos fotografados. Mesmo quando eles erraram, as suposições nos levaram a outros contatos e assim sucessivamente até identificar mais alguém.

Não foi fácil, mas foi divertido. Tivemos casos em que o próprio fotografado não se reconhecia na foto ou quis uma segunda opinião de parentes e/ou amigos antigos para que validassem a identificação. O professor Claus Germer não queria correr nenhum risco de “cometer a inconveniência” de identificar como sendo dele a foto que poderia ser de outra pessoa. Mas dois com-

panheiros que o conhecem desde a década de 80 e sua própria filha corroboraram a certeza de Valter Pomar. “Lembro-me muito bem do seminário, no conteúdo e na forma, do qual participei do começo ao fim e foi muito significativo, e até emocionante, por diversos motivos, especialmente pelo tema, o socialismo, que, segundo a concepção e a prática marxistas, marcou e continua marcando todos os meus passos”, declarou Germer em setembro de 2025.

Outro que a princípio duvidou que integrasse aquele grupo que assistiu ao seminário foi o ex-sindicalista Gilmar Carneiro: “Imprimi [a foto] e tenho dúvidas... Lembra que eu tirei a barba? Ficou mais difícil”. Convenceu-se depois que enviei uma mensagem de Valter a ele atestando “100% de certeza”. “Se Valter Pomar afirma, eu concordo”.

Ranulfo Peloso foi mais um que se afeiçoou na certeza de Valter Pomar, pois, no primeiro momento, respondeu-me assim ao ver a foto: “... pequena semelhança apenas... não lembro de ter estado nesse evento...”.

Roberto Felício, apesar de ter certeza de que participou do seminário, também precisou consultar a atual companheira de vida, Nina, para se certificar de que era ele na foto. Ela não teve dúvida: “Claro que é você”. Fez questão de checar também com um ex-companheiro da CUT, Roberto Leão. “Nina e Leão estão mais convictos do que eu. Estou contente porque você não vai mais me apagar [da identificação]”, comentou Felício.

Lafaiete Santos Neves, que a princípio não se encontrava na foto, escreveu-me depois: “Características minhas, cabelo testa e sobrancelhas”. E o mais importante: “Minha companheira me reconheceu”.

Os que se foram

A busca também foi nos relembrando quantos já nos deixaram. E alguns muito cedo, como podemos conferir nas minibiografias dos companheiros e companheiras retratados, como David Capistrano da Costa Filho e Marcelo Déda.

Já era noite de domingo quando Vicentinho fez uma videochamada para vermos juntos a foto na tela de seu computador. Mesmo cansado das agendas do dia, queria olhar um por um os companheiros e companheiras fotografados num tempo em que ele havia recém-assumido a presidência dos Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. “Acho que este aqui é Zé Eduardo Dutra”, disse apontando para um barbudo calvo. Mais tarde, Valter também reconheceu aquele que seria mais tarde o presidente da Petrobras, já falecido.

Vicentinho sugeriu que outro calvo e de cavanhaque fosse o ex-sindicalista Paulo Skromov, que no dia seguinte cravou: “Não!”. Mais tarde, seria Marco Piva, que integrava a equipe do INCA, a identificar de quem se tratava: o jornalista Dainis Karepovs, que confirmou.

O ex-ministro Paulo de Tarso Vannuchi, outro fotografado, quis se certificar de que era mesmo Clovis

Ilgenfritz quem estava na primeira fila. Paulo consultou uma sobrinha dele, Clarice Coppeti, que não só reconheceu o tio como revelou que a mulher ao lado dele era a tia dela, Lorena Holzman, hoje viúva de Clóvis. Estava identificada a única figura feminina na primeira fila.

Foi Paulo Vannuchi também quem reconheceu o já falecido João Baptista Zefferino Salles Vanni e acionou outros companheiros para termos alguns elementos de sua história. Vannuchi ainda descobriu que o que parecia apenas uma mancha na foto era outra companheira, Renée France de Carvalho, semicoberta por Tarcísio Seccoli. Portanto, não eram 97 pessoas fotografadas como havíamos contado a princípio, mas 98.

Dentre as mulheres, estava também Maria Aparecida de Souza Barbosa. “Eu tive o prazer de ter a Cida como minha companheira, tivemos dois filhos, ela faleceu de câncer em 2011”, escreveu-nos o ex-sindicalista Mario Barbosa, também um dos identificados.

Chamada não atendida...

Seguimos tentando identificar o máximo de pessoas. Como muitas já saíram da vida pública ou laboral, conseguir seus números de celular foi um périplo. Alguns sindicatos colaboraram prontamente, mas outros não possuem mais relações com ex-dirigentes. Muitos companheiros e companheiras colaboraram com contatos, como Wanda Conti, ex-sindicalista do setor petroleiro, a quem recorremos pelo menos meia dúzia de vezes

durante essa jornada de identificação. E foram providenciais também os contatos conseguidos por colegas jornalistas, dos quais destaco Vanilda Oliveira, da CUT Nacional, e Joaquim Alessi, do ABCD Real, além das impecáveis pesquisas de Patrícia Moya, do Centro de Memória do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Se conseguir um número era difícil, mais difícil foi que atendessem ao celular. Nossa busca se deparou com aqueles que não atendem chamadas de interlocutor desconhecido e tampouco respondem mensagens no *zap*. Com tanto golpe por aí, é compreensível. Por isso não foi fácil falar com o ex-sindicalista Luizão, por exemplo. A conversa só ocorreu após um companheiro da confiança dele avisar do meu interesse. Então ele mesmo me ligou todo entusiasmado para me contar um pouco de sua trajetória.

Alguns dos fotografados, ao receberem a imagem, expressaram espontaneamente a emoção que foi participar daquele seminário, devido, por exemplo, à presença de Luiz Carlos Prestes, como destacou Ana Maria Chieffi: “Eu lembro muito bem desse encontro. Era importante, entre outras coisas, porque o Prestes foi... Imagina, eu tinha aquela coisa com ele. Independente de concordar politicamente ou não, ele era o Luiz Carlos Prestes. Ele estava exatamente atrás de mim na fila para o almoço. Aí eu troquei duas ou três palavras com ele”.

Outros se emocionaram porque tratava-se de um momento muito particular da vida, como foi para os italianos Lucietta Bellomo e Maurizio Marino, que eram namorados e voluntários de uma organização em visita ao Brasil. “Foi uma experiência muito importante para mim”, escreveu o italiano. Em suas minibiografias, reproduzimos outras impressões deles sobre aquele evento e a experiência no Brasil.

Jeter Luiz Gomes, de São Paulo, surpreendeu-se com nossa mensagem, pois também não conhecia essa imagem: “Que foto legal! Eu não a tinha. Histórica!” Empolgado, saiu mostrando o registro de 1987 para outros companheiros, que nos ajudaram a identificar outro ex-bancário, este do Paraná: Roberto Pinto Ribeiro, falecido em 1999 e sobre quem há quase nada disponível *online*. Foi Roberto Von Der Osten quem nos ajudou com alguma informação e recordou seu xará não só como um “importante” companheiro de luta sindical, mas também como “um amigo querido”.

Antes de identificarmos Roberto Pinto Ribeiro, sua figura foi confundida com Newton Lima Júnior, que foi funcionário do INCA a partir de 1988. “A vida em Cajamar era tão intensa que a memória se perde entre os inúmeros seminários dos quais a gente participava”, comentou Newton após negar que fosse ele na imagem.

O envio da foto despertou saudade até em quem não foi fotografada na ocasião, mas desfrutou em recebê-la para tentar identificar companheiros de outrora: “Todos

que conheço já estão marcados [identificados]..., mas é bem divertida essa experiência”, comentou Carmen Silva, que também trabalhou no INCA.

Buscamos mostrar a foto à maioria das pessoas que integravam a direção do Instituto na ocasião do registro e às pessoas que apareciam numa lista parcial de participantes publicada no livro que levou o nome do seminário e foi publicado em 1998 e reeditado recentemente pela Fundação Perseu Abramo. Algumas dessas pessoas são falecidas; outra parte não estava na foto, mas, mesmo assim, esses contatos possibilitaram três ou quatro identificações, como a do ex-sindicalista Marcos Antônio Vitorino de Almeida, que nos contou que já tem uma bisneta.

Ao ser consultado, Jair Meneguelli, que aparecia na lista de participantes do seminário, nos ligou e lamentou não estar na foto pesquisada, mas, dias depois, mandou-nos outra, colorida, do mesmo evento, em que ele está numa mesa com outros companheiros, e escreveu por *zap*: “Agora eu tô. Saudades”.

Nos 45 do segundo tempo

Já estávamos prestes a encerrar o trabalho quando finalmente conseguimos identificar Angela Fernandes, que trabalhou no CEDI. Pelo menos duas pessoas a haviam apontado na foto, mencionando apenas seu primeiro nome. Alguém sugeriu que Nilto Tatto poderia saber o sobrenome. Falei com o deputado. Ele não só sabia o nome inteiro como avisou-me que Angela

o segue no Instagram. Foi por meio dessa rede social que falei com ela num sábado à noite. Nilto contou-me também que havia participado do evento. Perguntei-lhe se ele se reconhecia na foto. Não tinha certeza, recordava-se que usava barba na época e que poderia ser um dos rapazes que segurava a faixa do evento. Na troca de mensagens com Angela, e sem que eu o mencionasse, ela bateu o martelo: “É Nilto Tatto”.

Também nos últimos dias de pesquisa, as redes sociais me ajudaram a achar Pedro Tonelli. Foi escrevendo inbox a pessoas com esse sobrenome no Facebook que achei uma sobrinha dele e consegui seu contato. “Estive sim, estou bem no alto [da foto]”, atestou Tonelli. Cada confirmação fez valer a busca.

Ao longo de mais de um mês de pesquisas desde o final de agosto de 2025, todo esse esforço coletivo nos permitiu identificar 69 das 98 pessoas fotografadas. Foi um exercício de memória que despertou lembranças da primeira década de história PT naqueles companheiros e companheiras que, raras exceções, já passaram dos 70 ou até dos 80 anos, como podemos conferir a seguir no resumo de suas biografias.

Oxalá com a publicação desta foto outros nomes venham à luz.

Rita Camacho
Jornalista e filiada ao PT



Apresentação

Apresentação da primeira edição publicada em 1988

Ao promover o Seminário Internacional 70 Anos de Experiências de Construção do Socialismo, o Instituto Cajamar comemorou estas sete décadas de história discutindo e avaliando a trajetória concreta da luta pelos ideais socialistas. Para este debate, foram convidados líderes sindicais, lideranças populares e dirigentes partidários brasileiros, durante anos, impossibilitados de conhecer e debater os diferentes processos de luta e construção do socialismo desenvolvidos em outros países.

Na organização dos temas, optou-se por destacar a experiência concreta de construção do socialismo na URSS, na China, em Cuba e na Nicarágua, além de um debate sobre a luta em nosso próprio país. Realizado de 20 a 24 de novembro de 1987, o seminário não pôde contar com a presença do representante do Instituto de América Latina da Academia de Ciências da URSS. Dificuldades impostas pelo governo brasileiro na concessão do visto diplomático impediram sua entrada no país a tempo. A coincidência de datas entre a realização

do Seminário e o 13º Congresso do Partido Comunista da China impediu a vinda de estudiosos da República Popular da China.

A publicação dos debates na forma de livro tem por objetivo colocar o seu conteúdo ao alcance de todos os interessados no tema, que poderão encontrar, nestas páginas, enfoques diversos e pontos de vista variados sobre o rico patrimônio acumulado pelo movimento socialista internacional. Evidentemente, não há uma abordagem sistemática e regular das experiências destacadas, o que pode ser encontrado nas indicações bibliográficas. A riqueza do texto está muito mais na apresentação de visões sintéticas e divergentes, ao lado do debate provocado pelos participantes, refletindo as preocupações e questionamentos presentes hoje entre os militantes brasileiros.

Na edição do texto, procuramos condensar as intervenções e adequar o tom expositivo à forma de texto escrito e conciso, sem prejuízo da fidelidade à exposição dos participantes. Em muitos momentos, o texto

apresenta as discontinuidades e lacunas próprias dos debates, sendo de nossa responsabilidade os cortes realizados.

No início do livro, encontra-se uma cronologia geral do socialismo, que pretende apenas situar os momentos mais relevantes no contexto geral histórico em que ocorreram. Há também cronologias específicas. No capítulo referente a cada tema, acrescentamos um resumo histórico introdutório. Nas páginas finais, há uma pequena ficha com as principais características de cada país, acompanhada do respectivo mapa. Há também um mapa da América Latina e um mapa-múndi. A lista de participantes menciona apenas aqueles cujas intervenções aparecem no texto.

*Setor de Publicações – Instituto Cajamar
Agosto de 1988*



Voltar aos 17

Apresentação da edição *fac-símile* publicada em 2017

Corria o ano de 1986. O PT tinha seis anos de idade, a CUT, três. As duas organizações decidiram investir na formação política. Com o apoio direto de alguns sindicatos, adquiriram as instalações de um hotel desativado situado no município de Cajamar (SP), que fica entre Jundiaí e São Paulo, na Via Anhanguera, km 46,5. Naquele lugar, começou a funcionar o Instituto Cajamar, também conhecido como Inca.

O presidente do Inca era o educador Paulo Freire. A lista de diretores incluía Arlindo Chinaglia, Avelino Ganzer, Frei Betto, Gilberto Carvalho, Jorge Coelho, Luiz Gushiken, José Luís Gonçalves, Luiza Erundina, Olívio Dutra, Paul Singer, Paulo Schilling, Perseu Abramo, Rui Falcão e Walter Barelli. O cotidiano do Inca era de responsabilidade de uma coordenação executiva integrada por Osvaldo Bargas, Aloizio Mercadante, Devanir Ribeiro, Durval de Carvalho, Luiz Azevedo, Miguel Rupp, Nobuko Kameyama, Pedro Pontual, Regina Festa, Wander Bueno Prado, Wladimir Pomar e Wilson Santarosa. Faziam parte do Conselho Fiscal do Instituto Cajamar Maurício Soares de Almeida, Valderi Antão Ruviaro, Djalma de Souza Bom, José Cicote, Epitácio Luís Epaminondas e Marcos Antonio Vitorino de Almeida.

Na época, foi uma grande novidade. Uma “casa de encontros” que não era de propriedade nem tampouco gerida por instituições religiosas. Cursos de formação que duravam uma semana ou 15 dias. Conteúdos abor- dados de um ponto de vista marxista numa instituição

dirigida por petistas vinculados à “Articulação dos 113”.

Em 1987, por ocasião do septuagésimo aniversário da Revolução de Outubro de 1917, o Inca promoveu um seminário internacional intitulado “70 Anos de Experiências da Construção do Socialismo”.

O seminário foi realizado de 20 a 24 de novembro de 1987. As palestras e debates foram gravados, transcritos e publicados em um livro editado pelo economista Carlos Eduardo Carvalho. Intitulado *1917-1987: Socialismo em debate*, o livro foi lançado em agosto de 1988. Seu expediente relaciona, além do supracitado Carlos Eduardo, os seguintes colaboradores da edição: Marco Aurélio Garcia, Marcos Piva, Rui Falcão, Valter Pomar e Wladimir Pomar.

A “Apresentação” do livro, assinada pelo setor de publicações do Instituto Cajamar, esclarece que “dificuldades impostas pelo governo brasileiro na concessão do visto diplomático impediram” a entrada no país, a tempo, do representante do Instituto de América Latina da Academia de Ciências da URSS. E a “coincidência de datas entre a realização do Seminário e o 13º Congresso do Partido Comunista da China impediu a vinda de estudiosos” daquele país.

O livro traz, ainda, uma relação dos participantes do seminário, indicando, além do nome e sobrenome, o cargo ocupado à época. A saber: Luiz Inácio Lula da Silva (presidente nacional do Partido dos Trabalhadores), Luiz Carlos Prestes (ex-secretário-geral do Partido

Comunista Brasileiro), Aloizio Mercadante (coordenador do Departamento de Estudos e Pesquisas do Instituto Cajamar), Apolônio de Carvalho (membro do Diretório Nacional do PT), Benedito de Carvalho (ex-dirigente do PCB e ex-dirigente do Partido Comunista do Brasil), Camilo Domenes (subdiretor do Centro de Estudos da América, Havana), Cezar Alvarez (membro do Diretório Regional do PT do Rio Grande do Sul), Clara Charf (membro do Diretório Regional do PT de São Paulo), Claus Germer (militante do PT), Clovis Ilgenfritz (membro do Diretório Nacional do PT), Daniel Aarão Reis (historiador), David Capistrano Filho (militante do PT), Eduardo Suplicy (membro do Diretório Nacional do PT), Emir Sader (historiador), Eneida Soler (presidenta do Sindicato dos Artistas do Estado de SP), Fúlvio Abramo (Diretor do Centro Mário Pedrosa), Gilberto Carvalho (presidente do Diretório Regional do PT do Paraná), Jacob Gorender (historiador, ex-dirigente do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário), Jair Meneguelli (presidente da Executiva Nacional da Central Única dos Trabalhadores), José Dirceu (secretário-geral do Diretório Regional do PT de SP), Juan Valdés Paz (chefe do Departamento de América Latina do Centro de Estudos da América, Havana), Leonardo Boff (teólogo franciscano), Lafaete Santos Neves (ex-presidente do Diretório Regional do PT do Paraná), Lucio Jimenez (secretário-geral da Central Sandinista de Trabalhadores da Nicarágua), Luis Favre (membro do coletivo da Secretaria de Re-

lações Internacionais do PT), Luís Flávio Rainho (pesquisador do Centro Ecumênico de Documentação e Informação), Luiz Gushiken (deputado federal do PT de São Paulo), Marcelo Deda (deputado estadual do PT de Sergipe), Mário Barbosa (diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema), Marco Aurélio Garcia (diretor do Arquivo Edgar Leuenroth, da Unicamp), Marcos Arruda (pesquisador e educador popular), Marco Piva (membro do coletivo da SRI do PT), Osvaldo Bargas (coordenador-geral do Instituto Cajamar), Paulo Azevedo (presidente do Sindicato dos Metroviários de SP), Paulo Vannuchi (assessor de formação política do Sindicato dos Metalúrgicos de SBC e Diadema), Paul Singer (membro da assessoria econômica do DN do PT), Pedro Tonelli (deputado estadual do PT do Paraná), Perly Cipriano (presidente do PT do Espírito Santo), Rui Falcão (secretário de Formação Política do Diretório Regional do PT de São Paulo), Selvino Heck (deputado estadual do PT do Rio Grande do Sul), Valter Pomar (membro do coletivo da Secretaria de Formação Política do PT de São Paulo), Vicente Paulo da Silva (presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de SBC e Diadema), Vito Letizia (historiador) e Wladimir Pomar (coordenador-geral adjunto do Instituto Cajamar).

A exposição principal sobre a experiência soviética foi feita por Jacob Gorender, Leonardo Boff e Vito Letizia. O debate sobre a experiência chinesa foi aberto por Wladimir Pomar e Benedito Carvalho, um dos

participantes do levante comunista de 1935. O caso cubano foi apresentado por Juan Valdés Paz, seguido de comentários de Emir Sader e José Dirceu. A Nicarágua foi tratada por Lucio Jimenez e Marcos Arruda. Depois das falas principais, ocorreram debates, dos quais participou grande parte dos presentes ao seminário.

Ler o livro e recordar as polêmicas do seminário promovido há 30 anos pelo Instituto Cajamar suscita diversas questões, entre as quais a sensação de um “debate interrompido”.

Debate interrompido pela ofensiva neoliberal; pela capitulação de grande parte da social-democracia europeia e do nacional-desenvolvimentismo latino-americano; pelo colapso da União Soviética e do tipo de socialismo que havia no Leste Europeu; e pela crise do movimento comunista. Debate interrompido, também e paradoxalmente, pelos êxitos relativos da esquerda brasileira, com destaque para o PT, que, em 1988, foi o grande vitorioso das eleições municipais e, em 1989, quase venceu, com Lula, as eleições presidenciais.

Quando a Revolução de Outubro comemorou seus 80 anos (1997) e seus 90 anos (2007), havia deixado de existir uma parte importante do mundo sobre o qual discutimos no seminário “70 anos de experiências da construção do socialismo”. E muitas das questões que então havíamos debatido deixaram de ser ou deixaram de parecer essenciais, pelo menos aos olhos de muita gente.

Nos últimos dez anos, a situação mudou novamente. A partir da crise mundial de 2008, muitas daquelas antigas questões voltaram a ser ou pelo menos voltaram a parecer ser essenciais.

Sem dúvida, isto tem alguma relação com a impressionante concentração de efemérides. No espaço de dez anos, de 2014 a 2024, chegam ao centenário: o começo e o fim da Primeira Guerra; a Revolução de Fevereiro e a Revolução de Outubro de 1917; a Revolução Alemã de 1918; a criação da Internacional Comunista, a fundação do Partido Comunista da China e do Partido Comunista do Brasil; o assassinato de Rosa Luxemburgo e vários de seus camaradas alemães; o falecimento de Lênin; além dos 200 anos de nascimento de Karl Marx e a publicação de livros clássicos como *Imperialismo, etapa superior* e *O Estado e a Revolução*, ambos de Lênin.

Mas, para além do “efeito efeméride”, a retomada do interesse no debate sobre o socialismo em geral e sobre a Revolução Russa em particular tem outras causas. Em primeiro lugar, porque vivemos um cenário internacional que possui algumas semelhanças com o que ocorreu no início do século XX: o declínio da potência hegemônica, a ascensão de novos polos de poder, o acirramento das contradições intercapitalistas, a importância do capital financeiro e do imperialismo. Malgrado as óbvias diferenças, o ambiente de 2017 lembra, em vários aspectos, aquele que desembocou na Primeira Guerra Mundial. Vivemos uma profunda

crise mundial e momentos assim tornam inescapável certa “volta aos clássicos”. A Revolução Russa de 1917 é um caso clássico do ponto de vista dos que estudam a dinâmica do capitalismo e de suas crises. Um caso tão clássico quanto o da Revolução Francesa de 1789, neste caso, do ponto de vista dos que estudam a dinâmica do feudalismo e de suas crises.

Em terceiro lugar, muitas das antigas questões voltaram a ser ou pelo menos a parecer ser essenciais, porque a crise de 2008 e o que veio depois colocaram com extrema força e urgência o debate sobre o capitalismo, sobre as crises de acumulação, sobre o capital financeiro, sobre o papel do Estado, sobre o imperialismo e as guerras. Temas sobre os quais há contribuições relevantes feitas pelos revolucionários russos, como Bukharin e Lênin, antes e depois de Outubro de 1917. E, principalmente, contribuições práticas, tanto originadas da Revolução Russa de 1917 quanto dos que reagiram a ela.

De maneira mais geral, a análise marxista sobre o capitalismo voltou à moda. Análise que sempre foi muito cara para as diferentes tradições socialistas existentes na Rússia – anarquistas, populistas, social-democratas e comunistas, que dedicaram grande energia ao debate acerca do modo de produção capitalista, em particular, à discussão sobre seu desenvolvimento e crises.

A história é conhecida: logo depois da primeira edição de *O Capital*, foi publicada uma tradução em russo. A situação excêntrica do Império Russo, um pé na Ásia

e outro na Europa, um pé no feudalismo e outro no capitalismo, um pé no atraso e outro na modernidade, obrigou os pensadores russos de todos os matizes a se debruçar sobre a relação desigual entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento político, a dialética entre os diferentes tempos e conteúdos da (re)evolução política e da (re)evolução econômico-social.

Em quarto lugar, cabe lembrar que a tradição socialista vitoriosa na Revolução de Outubro (os social-democratas da fração bolchevique, que em 1918 adotaram o nome de “comunistas”) investiu grande parte de suas energias no debate sobre o papel do proletariado na luta pela democracia e pelo socialismo.

Num país onde o proletariado era uma parcela diminuta da população, isto implicou em debater de maneira integrada a relação entre “proletariado” e “campeinato”, entre “cidade” e “campo”, entre “partido e classe”, entre “teoria” e “prática”, entre “ditadura” e “democracia”. Questões que certas tradições acadêmicas tentam abordar fragmentariamente, como “objetos” particulares da economia, da sociologia, da política, da cultura, da história etc.

Cem anos depois, acompanhando a difusão do capitalismo, a maior parte da população trabalhadora mundial é assalariada. Um proletariado que continua “compartilhando” a condição de vítima da exploração capitalista com outra classe, a dos trabalhadores pequenos proprietários. Um proletariado que se tornou mais universal, mas não se tornou mais homogêneo: tanto

mundialmente quanto em cada país, segue composto por diferentes frações econômico-sociais (por exemplo: operários e não operários), atravessado por conflitos nacionais, étnicos, de gênero, geracionais, culturais e religiosos. Características que fazem com que o debate sobre as formas de luta e de organização, de comunicação e cultura, especialmente a necessidade de partidos políticos “de novo tipo”, ganhe novamente grande importância no debate político contemporâneo. E como fazer este debate, sem reler o que disse, por exemplo, Lênin?

Há cem anos, como hoje, muitos socialistas lamentavam a divisão nas forças da esquerda, as traições, as vacilações, o ambiente de confusão e divisão existente na classe trabalhadora. E deduziam daí que a revolução socialista seria adiada por muitos anos e décadas, pessimismo reforçado por uma interpretação tosca acerca dos caminhos pelos quais a quantidade se transforma em qualidade.

Outra semelhança fundamental entre hoje e a situação vigente há cem anos: as crises do capitalismo e suas decorrências políticas e sociais, entre as quais a obscena desigualdade.

“Voltar aos 17” é também buscar descobrir que condições objetivas e subjetivas fizeram com que uma situação de “defensiva estratégica” fosse convertida numa “ofensiva revolucionária” que marcou a história do século XX.

Para os que vivemos na América Latina e Caribe, há mais uma causa que explica a retomada do interesse no debate sobre o socialismo em geral e sobre a Revolução Russa em particular. Desde 1998 até hoje, vários países da região são governados por partidos que pretendem estar construindo o socialismo ou, pelo menos, caminhando em direção a ele. Isto produziu uma retomada do debate sobre a transição socialista, debate que, na América Latina e Caribe, é temperado pelos pontos de contato que existem entre o populismo russo do século XIX e a “esquerda populista” do século XXI.

Os populistas russos, ao menos em sua versão clássica, acreditavam que seria possível construir o socialismo sem passar pelo capitalismo, tomando como ponto de apoio às tradições coletivistas do campesinato russo. Lênin iniciou sua trajetória política combatendo essa teoria, mas o curso dos acontecimentos o levou a capitanear um experimento que foi considerado, por alguns de seus adversários no movimento social-democrata, uma variante do “populismo”. Posteriormente, todas as chamadas revoluções socialistas do século XX ocorreram em países em que o capitalismo estava pouco desenvolvido. Recolocando novamente a questão: quais os vínculos entre a construção do socialismo e o desenvolvimento do capitalismo, nos planos da economia, da sociedade, da cultura e da política?

Responder de forma sólida a esta questão supõe re-visitar o debate sobre a Revolução de Outubro, sobre o processo de construção da União Soviética, sobre as con-

cepções e as práticas do movimento comunista ao longo do século XX. Debate que está sintetizado em expressões como: “transição”, “socialismo”, “socialismo real”, “ditadura do proletariado”, “estado operário burocraticamente degenerado”, “capitalismo de Estado”, “modo de produção asiático”, “stalinismo”, “totalitarismo”, “social-imperialismo”. Debate que está diretamente relacionado com as diferentes caracterizações que se faz hoje acerca da República Popular da China.

No final de 1991, televisões de todo o mundo transmitiram a cena: pela última vez desde então, a bandeira da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas desceu o mastro onde estava hasteada, no Kremlin. Desmoralizando as previsões dos teóricos do “totalitarismo”, a URSS caiu devido à suas próprias contradições internas.

No mundo inteiro, no Brasil e no PT, foram tempos para lembrar que, como tantas outras obras humanas, a Revolução Russa de Outubro de 1917 fora carregada de tragédias e crimes, lama e sangue, dor e violência, imperfeições e debilidades. E que nenhum processo histórico deve ser considerado “irreversível”.

Mas foram tempos também para defender, em certos momentos contra quase tudo e contra quase todos, que, diferente de outras obras humanas, a Revolução Russa de Outubro de 1917 fora um esforço titânico para materializar os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade. Metas algum dia compartilhadas pela burguesia, mas que, desde há muito, constituem parte do legado e patrimônio da classe trabalhadora.

Hoje, décadas depois do fim da URSS, parece mais evidente que a contribuição global da Revolução de Outubro de 1917 para a humanidade foi positiva. “Convicção” que pode ser sustentada com inúmeras “provas”, entre as quais a contribuição que a Revolução deu para a luta pelos direitos iguais para as mulheres; para a batalha por políticas públicas de saúde, educação, cultura, esportes, habitação e transporte; para a adoção do planejamento econômico; além da contribuição, direta e indireta, para a luta contra o imperialismo, contra o colonialismo, o racismo e o nazismo, assim como a luta em favor da paz. E, também, acima de tudo, a tentativa de superar o capitalismo e iniciar a transição socialista em direção a uma sociedade comunista.

Neste ano de centenário, centenas de milhões de pessoas – muitas delas latino-americanas e brasileiras – vão perguntar novamente: Qual a herança da Revolução Russa de 1917? Ao publicar esta segunda edição *fac-símile de 1917-1987: Socialismo em debate*, a Fundação Perseu Abramo dá uma importante contribuição para ajudar a responder tal questão.

São Paulo, junho de 2017.

Valter Pomar

*Professor de Relações Internacionais na UFABC.
Trabalhou no Instituto Cajamar de 1987 a 1991 nos departamentos de Estudos e Pesquisas e de Recursos Pedagógicos e, como professor, nos cursos de formação política.*



Apresentação da terceira edição

Apresentação da terceira edição publicada em 2025

O seminário que deu origem a este livro foi realizado em novembro de 1987. Quase um ano depois, em agosto de 1988, o setor de publicações do Instituto Cajamar enviou para a gráfica os originais da primeira edição de *Socialismo em Debate*. Faziam parte do referido “setor de publicações” Carlos Eduardo Carvalho, Rui Falcão e o autor destas linhas. Contamos com a contribuição, também, de Marco Aurélio Garcia, Marco Piva e Wladimir Pomar. Coube a mim o trabalho de diagramação e secretaria gráfica. A impressão foi feita pela Companhia Editora Joruês. Não há registro da tiragem, nem houve um lançamento formal. Mas recordei ter vendido parte da tiragem durante o Congresso Nacional da CUT realizado em Belo Horizonte, também no ano de 1988.

Quase 30 anos depois do seminário, em junho de 2017, propus à Fundação Perseu Abramo a publicação de uma edição *fac-símile* do livro original. A Fundação aceitou produzir uma edição virtual, disponível apenas em formato PDF. Na Apresentação do referido *fac-símile*, que reproduzimos na presente edição, conto mais

detalhes acerca do Instituto Cajamar, do Seminário sobre 70 anos de tentativas de construção do socialismo e sobre o livro resultante.

Oito anos depois, a Fundação decidiu publicar esta terceira edição de *Socialismo em Debate* como parte da Coleção Internacional. Em relação às anteriores, há duas novidades: uma revisão completa, feita por Rita Camacho, mantendo as regras de ortografia vigentes à época; e a inclusão de um caderno com 32 fotos, que foram selecionadas entre as mais de 200 imagens disponíveis no arquivo digital do Centro Sérgio Buarque de Holanda (CSBH) da Fundação Perseu Abramo. Como critério de seleção, priorizamos as fotos em grupo e as que registram camaradas que não estão mais entre nós.

As fotos são acompanhadas de legendas elaboradas por Rita Camacho, Valter Pomar e Sarkis Alves, da equipe do CSBH. Contamos com a ajuda de muitas pessoas que nos ajudaram a identificar grande parte de quem aparece nos registros fotográficos do Seminário. Aliás, uma das fotos em grupo será também publicada à parte, em formato de minicartaz, acompanhado de uma

legenda explicativa. Importante explicar que a lista de participantes publicada na primeira edição e reproduzida aqui não inclui grande parte do público assistente. Esperamos que a publicação das fotos permita identificar todas e todos, especialmente as mulheres, que apesar de serem pequeno percentual dos participantes são maioria relativa entre as pessoas não identificadas.

Esperamos que esta terceira edição, assim como as duas anteriores, contribuam para a luta pelo socialismo, no Brasil e em todo o mundo.

5 de agosto de 2025

Valter Pomar

Diretor de Cooperação Internacional da Fundação Perseu Abramo e professor de Relações Internacionais na Universidade Federal do ABC



Álbum de fotos

As fotos constantes deste álbum são de autoria da fotógrafa Vera Jursys e integram o acervo do Centro de Documentação e Memória Política Sérgio Buarque de Holanda/Fundação Perseu Abramo



Da esquerda para a direita: Lula, ao microfone, Marco Aurélio Garcia e Aloizio Mercadante durante o Seminário Internacional 70 Anos de Experiências de Construção do Socialismo, no Instituto Cajamar. Foto: Vera Jursys.



Cinegrafista em meio ao público durante uma das mesas do Seminário. Aparecem, entre outras, as seguintes pessoas: Fúlvio Abramo; Clóvis Ilgenfritz; Guiba Navarro; Apolônio de Carvalho; Luiz Carlos Prestes; Reneé de Carvalho; Luiz Eduardo Greenhalgh; Mario dos Santos Barbosa; Vicentinho; Paulo Azevedo; Delúbio Soares; Marcelo Deda. Foto: Vera Jursys.



No centro da foto, Alberto Eulálio, o "Betão" (com bigode e crachá), integrante da comissão de fábrica dos trabalhadores da Ford, ao lado Paulo Fiorilo (com barba) e Jeter Gomes. Ainda na plateia: Glória Konno; Paulo Carvalho; Jorge Coelho; Li An; Perly Cipriano; Dainis Karepovs. Foto: Vera Jursys.



Em meio ao público, cinegrafista faz imagens da mesa formada por (da esquerda para direita): Emir Sader, Paul Singer, Osvaldo Bargas, Aloizio Mercadante, nicaraguense não identificado, os cubanos Camilo Domenes Juan Valdés Paz e a companheira brasileira Lúcia Santos, que esteve na Nicarágua fazendo parte de uma brigada de saúde. Foto: Vera Jursys.



*Cinegrafista em meio ao público durante uma das mesas do Seminário.
Foto: Vera Jursys.*



Na primeira fila, do lado direito, de barba e óculos, Gilmar Carneiro; na segunda fila, de cabelos brancos, Clara Charf; à esquerda dela, de cigarro na mão, Hélio Bombardi. Também presentes na plateia, entre outras pessoas: Wladimir Pomar; Epitácio Luiz Epaminondas, o Luizão (sindicalista); Avelino Ganzer; Eurides Mescolotto. Foto: Vera Jursys.



*Ao lado da companheira não identificada, da esquerda para a direita, estão Osvaldo Bargas, Wladimir Pomar, Lucio Jimenez, Aloizio Mercadante, Jacob Gorender, Marco Aurélio Garcia, David Capistrano Filho.
Foto: Vera Jursys.*



*Na fileira da frente, Benedito Carvalho; logo atrás, da esquerda para a direita, Delúbio Soares e Walter Barelli (ambos de barba), Frederico Ghedini, Dainis Karepovs e Ivan Antonio de Almeida, entre outras pessoas.
Foto: Vera Jursys.*



Na mesa, da esquerda para a direita, Emir Sader, Paul Singer, Osvaldo Bargas, Aloizio Mercadante, companheiro não identificado, Camilo Domenes, Juan Valdés Paz e, em pé, Apolônio de Carvalho. Foto: Vera Jursys.



Na mesa do Seminário, da esquerda para a direita: José Dirceu, Emir Sader, um companheiro não identificado, Camilo Domenes, Aloizio Mercadante e Juan Valdés Paz. Foto: autoria desconhecida.



Da esquerda para a direita: Maria Diva de Faria, Luiz Eduardo Greenhalgh, Luiz Flávio Rainha e Pedro Pontual. Foto: Vera Jursys.



Da esquerda para a direita, Lucio Jiménez, Secretário-geral da Central Sandinista de Trabalhadores da Nicarágua, ao lado companheiro não identificado durante o Seminário. Foto: Vera Jursys.



Da esquerda para a direita, Aloizio Mercadante, Marco Aurélio Garcia e Lula. Foto: Vera Jursys.



Diante do banner do evento, da esquerda para a direita, Eduardo Suplicy, Aloizio Mercadante, Marcelo Deda, Paulo Azevedo, Luiz Carlos Prestes, Lula, Vicentinho e outro companheiro não identificado. Foto: Vera Jursys.



Da esquerda para a direita: Olívio Dutra; Mário Barbosa e Vicentinho, respectivamente diretor e presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema; Perly Cipriano; Adelar Pizetta, do MST, e outro companheiro não identificado. Foto: Vera Jursys.



Luiz Gushiken em meio ao público do Seminário. Foto: Vera Jursys.



Da esquerda para a direita: Avelino Ganzer, Apolônio de Carvalho, companheira não identificada e Renée de Carvalho. Foto: Vera Jursys.



Aloizio Mercadante à esquerda; Wladimir Pomar, de camisa listrada, abraça Jacob Gorender. Foto: Vera Jursys.



Jacob Gorender dá a mão a Avelino Ganzer, que está abraçado a Marco Aurélio Garcia. Foto: Vera Jursys.



Da esquerda para a direita, o sindicalista Guiba Navarro; Luiz Carlos Prestes e Lula. Foto: Vera Jursys.



*Apolônio de Carvalho (à esq.) e Benedito de Carvalho, combatente de 1935 e locutor da Rádio Pequim, em meio ao público do Seminário.
Foto: Vera Jursys.*



*Da esquerda para a direita, Emir Sader, Marco Piva e José Dirceu.
Foto: Vera Jursys.*



*David Capistrano da Costa Filho em mesa do Seminário.
Foto: Vera Jursys.*



Wladimir Pomar em mesa do Seminário. Foto: Vera Jursys.



*Clóvis Ilgenfritz em meio ao público do Seminário.
Foto: Vera Jursys.*

*O cubano Juan Valdés Paz fala durante o Seminário Internacional 70 Anos de Experiências de Construção do Socialismo, no Instituto Cajamar.
Foto: Vera Jursys.*





Nas fotos acima. Participantes do Seminário posam nos jardins do Instituto Cajamar diante do banner do Seminário. Entre eles: Gilmar Carneiro, Pedro Pontual, Epitácio Luiz Epaminondas (Luizão), Mario dos Santos Barbosa, Aloizio Mercadante, Claus Germer, Paulo Okamoto, Paulo Vannuchi, Li An (Marília Andrade), Valter Pomar, Vicentinho, Regina Queiroz, Luis Favre, Guiba Navarro, Jorge Coelho, Avelino Ganzer, Vera Jursys, Wander Bueno do Prado, Jacob Gorender, Clóvis Ilgenfritz, Osvaldo Bargas, Delúbio Soares, Marcelo Deda, Marco Aurélio Garcia, David Capistrano da Costa Filho, Fúlvio Abramo, Eurides Mescolotto, Lula e Luiz Carlos Prestes e Perseu Abramo.



Fila 1

1 – Perly Cipriano, (10.8.1943, Alto do Capim, distrito de Aimorés, MG), era presidente do Diretório Estadual do PT-ES na ocasião da foto.

A partir de 1960, militou no movimento estudantil e no PCB. Quando estudante de odontologia na UFES, em 1964, respondeu a um Inquérito Policial Militar. Participou do Congresso da UNE em 1965, em Valinhos (SP). Em 1966, foi eleito presidente do Diretório Acadêmico e levado para o Quartel da PM de Vitória durante uma greve na faculdade. Em 1967, foi preso pelo DOPS em Niterói. Faltando um mês para a conclusão do curso, foi para a Ucrânia (então URSS) estudar Direito Internacional. Em 1969, retornou ao Brasil e passou a atuar clandestinamente na ALN. Em março de 1970, foi preso pela PM em Olinda-PE, onde foi torturado e condenado a 94 anos e 8 meses de prisão política. Acrescidos às condenações estavam também 60 anos de perdas dos direitos políticos. Em dezembro de 1979, saiu da prisão na condição de liberado condicional, portanto não anistiado. Em 1980, foi um dos fundadores do PT e o candidato do Partido ao governo do Espírito Santo em 1982. Foi chefe de Gabinete na Prefeitura de Vitória; vereador; deputado estadual e secretário de Estado de Justiça e Cidadania. De 2003 a 2010, foi subsecretário de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos da Presidência da República. De 2011 a 2014, atuou como subsecretário de Direitos Humanos do Estado do Espírito Santo. Recebeu títulos de cidadão capixaba e brasileiro concedidos pelas respectivas casas legislativas. Foi candidato a prefeito de Vitória (ES) em 2016 e a deputado federal em 2022, quando teve 6.518 votos, mas não foi eleito.

2 – Clóvis Ilgenfritz, (13.3.1939, Ijuí, RS / 23.11.2019, Porto Alegre, RS), era membro do Diretório Nacional do PT na ocasião da foto.

Era arquiteto formado na UFRS, onde também lecionou de 1972 a 1977. Tinha experiência em habitação popular e planejamento urbano. Foi candidato a deputado federal em quatro eleições, sendo que, na primeira, em 1982, embora não tenha sido eleito, foi o mais votado do PT. Foi também candidato a vice-prefeito de Porto Alegre em 1985 e a governador do Rio Grande do Sul em 1986. Elegeu-se vereador de Porto Alegre em 1988, sendo reeleito para quatro sucessivos mandatos até 2000. Em 1997, foi presidente da Câmara Municipal. Concorreu a deputado federal na eleição de 1998, conseguindo suplência e tendo assumido o cargo em 2001. Clóvis foi o criador da Lei de Assistência Técnica para Habitação de Interesse

Social, que prevê projetos e moradia digna para famílias de baixa renda. Foi conselheiro da Agência Estadual de Regulação dos Serviços Públicos Delegados do Rio Grande do Sul e do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul por duas gestões.

De seus dois casamentos, teve três filhos: Tiago e Camilo, ambos arquitetos, do matrimônio com Lorena Holzmänn [veja biografia a seguir], e Ana Letícia, filha de Ana Cêris dos Santos. Aos 80 anos, faleceu vítima de um quadro de fibrose pulmonar. Seu corpo foi velado na Câmara Municipal de Porto Alegre. Mais informações, aqui: <https://iabrs.org.br/clovis-ilgenfritz-da-silva-e-o-arquiteto-ano/>

3 – Lorena Holzman, (24.12.1942, Porto Alegre, RS), era professora titular da UFRGS na ocasião da foto.

Militante do PT em Porto Alegre, possui graduação em Ciências Sociais (1967) e mestrado (1977) em Sociologia pela UFRGS com a dissertação intitulada *Mulher e Trabalho – Estrutura ocupacional da mão de obra feminina no RS, 1920-1970*. O doutorado (1992) em Sociologia foi realizado na USP. Defendeu sua tese intitulada *Operários sem patrões. Estudo da gestão das Cooperativas Industriais Wallig*, que embasou o livro *Operários sem patrão. Gestão cooperativa e dilemas da democracia*, publicado em 2001 pela EDUFSCAR.

Em 1974, foi aprovada em concurso público para a UFRGS, onde iria permanecer como professora titular até a aposentadoria. Foi uma das fundadoras da Associação dos Docentes da UFRGS em 1978, em meio à luta pela redemocratização do país e da Universidade. Dentre as inúmeras participações na gestão da UFRGS, destacam-se a Chefia do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, de janeiro de 1994 a agosto de 1998, e a função de Pró-reitora de Graduação na mesma Universidade, na gestão 1996-1999. Integrou a diretoria da Sociedade Brasileira de Sociologia de 1995 a 1997 e de 2005 a 2007. Lorena permaneceu como professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS por cinco anos após sua aposentadoria, continuando a atuar em sua área de pesquisa. Foi membro de corpo editorial da ISEGORIA – Revista Brasileira de Ciências Sociais e Humanas. Tem trabalhos publicados em livros e periódicos abordando a problemática contemporânea do trabalho. Mais detalhes aqui: <https://sbsociologia.com.br/project/lorena-holzmänn/>

4 – Marcelo Déda, (11.3.1960, Simão Dias, SE / 2.12.2013, São Paulo, SP), deputado estadual do PT-SE na ocasião da foto.

Sua militância política teve início no movimento secundarista em Aracaju. Déda acompanhou no Diretório Central dos Estudantes da UFS, onde cursou Direito de 1980 a 1984, a primeira greve universitária. Filiou-se ao PT em 1981. Participou pela primeira vez em eleições em 1982, recebendo 300 votos como candidato a deputado

estadual. Em 1985, ficou em segundo lugar para a Prefeitura de Aracaju, sendo que, por falta de recursos, fez seus programas eleitorais gratuitos ao vivo, tendo por cenário apenas uma bandeira do PT. No ano seguinte, foi o deputado estadual mais votado para aquela legislatura. Seus mais de 30 mil votos possibilitaram que outro companheiro do PT, Marcelo Ribeiro, tivesse também uma vaga na Assembleia com tão somente pouco mais de mil votos. Em 1988, ficou em terceiro lugar para a Prefeitura. Em 1990, não conseguiu se reeleger. Em 1994, elegeu-se deputado federal com a maior votação no estado. Foi líder do PT na Câmara. Reelegeu-se em 1998 e renunciou ao cargo em 2000 para assumir a Prefeitura de Aracaju, para a qual foi eleito em primeiro turno com 52,8% dos votos. Em 2004, foi reeleito com 71,38% dos votos. Em 2006, num giro inédito na política sergipana, foi eleito governador com 52,48%, vencendo o conservador João Alves Filho, que havia sido três vezes governador. E o venceu de novo em 2010, no primeiro turno. Marcelo Déda casou-se duas vezes. Com Márcia Barreto, teve três filhas: Marcella, Yasmim e Luísa. Com Eliane Aquino, teve dois filhos: João Marcelo e Mateus. Em outubro de 2009, Déda retirou um nódulo benigno do pâncreas. Três anos depois, foi diagnosticado com um câncer no sistema gastrointestinal, sendo submetido a tratamento quimioterápico em São Paulo, onde faleceu, aos 53 anos, em 2 de dezembro de 2013 em decorrência da doença. A UFS concedeu-lhe o título póstumo de *doutor honoris causa* em 2023.

5 – Jeter Luiz Gomes, (4.7.1958, Taquaritinga, SP), então assessor da CUT.

É graduado em Engenharia Mecânica (UFU), pós-graduado em Economia do Trabalho e Sindicalismo (Unicamp) e mestre em Educação (PUC-SP). Assessorou o Sindicato dos Bancários de São Paulo, inclusive na histórica greve de 1985, e foi assessor coordenador da Secretaria Nacional de Formação da CUT (1987-95). Foi coordenador da Equipe Sindical do Instituto Cajamar (1991-92). Ajudou a construir e assessorou a Rede Unitrabalho (1996-2000). Trabalhou nas gestões petistas de Marta Suplicy, como gestor do Centro de Treinamento e Educação de Trânsito, da CET (2001-04); de Dilma Rousseff, como responsável pelo diálogo do governo federal com os movimentos sociais urbanos (2011); e de Fernando Haddad, como coordenador da equipe que fez o monitoramento do Plano de Metas da gestão (2014-16). Trabalhou como consultor (2005-09) da Fundação Banco do Brasil (FBB) coordenando uma equipe que ajudou a conceber e implantar complexos cooperativos na Agricultura Familiar (cajucultura, apicultura e mandiocultura) do Nordeste (BA, CE, PI e RN). A partir do trabalho com a cajucultura, escreveu o livro *Os Frutos Sociais do Caju*, publicado pela FBB. Trabalhou como consultor, ainda para a FBB, no Projeto das Cisternas de Placas para

o Semiárido (2012-13), do qual também resultou um livro: *Cisterna de Placas (Tecnologia Social como Política Pública)*, publicado pela FBB. É co-autor do livro *Paulo Freire e a Formação de Educadores: múltiplos olhares*. Poeta bissexto, publicou um livro de poemas, *Prisma*. Atualmente, faz consultorias para entidades sindicais, nas áreas de Formação e Planejamento Estratégico e desenvolve projetos culturais.

6 – Fúlvio Abramo, (20.4.1909, São Paulo, SP / 3.5.1993, São Paulo, SP), era o então diretor do Centro Mário Pedrosa.

Neto do anarquista italiano Bortolo Scarmagnan por parte de mãe, era integrante de uma família com influências na arte, na imprensa e na política brasileira. Entrou no movimento de esquerda em 1928, formando um grupo independente do PCB com sua irmã Lélia Abramo e mais oito militantes que se filiaram à Oposição de Esquerda, organizada por Mario Pedrosa e outros. Jornalista, foi fundador e dirigente da Liga Comunista Internacionalista (Brasil) - seção brasileira da Oposição de Esquerda Internacional liderada por Leon Trótski. Foi secretário (1933-34) da Frente Única Antifascista, organismo operário que reuniu sindicatos e as diversas tendências do movimento operário brasileiro (anarquistas, socialistas, sindicalistas-revolucionários, trotsquistas e comunistas) na luta contra o fascismo e o integralismo no Brasil. Em 1937, durante a ditadura do Estado Novo, exilou-se na Bolívia, onde trabalhou como ajudante e motorista de caminhão e cobrador de impostos. Foi também professor de introdução à Botânica Pura e Aplicada na escola pública de agronomia, que veio a se chamar Escola de Agricultura e Veterinária de Santa Cruz de la Sierra, onde tornou-se diretor. Nesse período, colaborou na organização do Partido Operário Revolucionário, seção da recém-fundada IV Internacional. Em 1946, foi expulso da Bolívia. Ao voltar ao Brasil, juntou-se a um grupo de militantes que pretendiam desenvolver um trabalho marxista no interior do Partido Socialista Brasileiro junto com Antônio Candido, Mario Pedrosa, João da Costa Pimenta e Paul Singer, sendo um dos seus fundadores. Foi fundador do PT, colaborador do jornal *O Trabalho* e fundador-presidente do Centro de Documentação do Movimento Operário Mário Pedrosa, atualmente sob guarda do Centro de Documentação da UNESP. Foi casado com Anna Stefania Lauff, filha do militante comunista húngaro Rudolf Josip Lauff, membro do Exército Vermelho da URSS, que havia atuado no trem blindado de Trótski durante os primeiros anos da Revolução Russa. Fúlvio Abramo teve dois filhos, Fúlvio Jr. (falecido em 2001) e Marcelo Augusto. Fúlvio deu uma entrevista à revista *Teoria & Debate*, em dezembro de 1987, disponível aqui: <https://teoriaedebate.org.br/1987/12/01/fulvio-abramo-60-anos-de-luta-pelo-socialismo/>

7 – David Capistrano da Costa Filho, (7.7.1948, Recife, PE / 10.11.2000, São Paulo, SP), então militante do PT.

Médico sanitarista, foi reconhecido como um dos responsáveis pela elaboração do texto que deu origem ao capítulo sobre o SUS na Constituição de 1988. Teve uma infância conturbada devido a casação do Partido Comunista Brasileiro pelo governo Dutra em 1947 e como consequência a ordem de prisão contra seu pai, que passou a viver na clandestinidade, mudando-se para o RJ. Com a posse de JK, em 1956, a família voltou ao Recife, onde David Filho iniciou sua militância política estudantil na União da Juventude Comunista. Dois de seus companheiros foram assassinados durante protesto contra a deposição do governador Miguel Arraes pelo regime militar. David e a mãe foram presos por alguns meses. Ao sair, ele intensificou a atuação política, rearticulando o setor secundarista.

Na Faculdade de Medicina da UFRJ, iniciou militância no movimento estudantil universitário. Seu nome foi identificado pelos serviços de segurança e passou a ser alvo de investigações.

Em 1974, em São Paulo, buscou a formação de médico sanitarista com Sérgio Arouca, professor da Unicamp. Depois, pleiteou a Kurt Kloetzel, professor da Faculdade de Medicina de Jundiaí, vaga de emprego no manicômio judiciário do município de Franco da Rocha (SP), onde tinha a esperança de encontrar seu pai e outros presos políticos. Conseguiu o trabalho, mas não localizou o pai.

Em São Paulo, foi preso no final de 1975. Estabeleceu na cadeia as relações com o grupo que estaria a seu lado no esforço para reconstruir a seção paulista do PCB. Aos 28 anos, em 1976, era reconhecido como o principal dirigente do PCB em São Paulo e exerceu o cargo de secretário político do comitê estadual do Partido até julho de 1983. Durante esse período, casa-se duas vezes e tem quatro filhos.

Já no início da década de 80, David e seus colaboradores, influenciados pelas recentes greves no ABC paulista, começam a discordar dos métodos e orientações do comitê central do PCB, rompendo com o Partido em 1983. Junto a outros comunistas dissidentes de São Paulo, funda o jornal *A Esquerda* e inicia uma virada que culminaria na sua filiação ao PT em 1986.

Foi secretário da Saúde em Bauru (SP) na gestão de Tuga Angerami, onde foi responsável por zerar a incidência de cáries em crianças abaixo dos 5 anos. Participou da Intervenção na Casa de Saúde Anchieta, um marco na história da reforma psiquiátrica no Brasil.

Eleito para o diretório regional do PT de São Paulo, dirigiu o *Jornal do PT* e coordenou a campanha vitoriosa de Telma de Souza para a Prefeitura de Santos em 1988. Foi o secretário de Saúde e depois chefe de gabinete da prefeita.

Elegeu-se prefeito de Santos em segundo turno em 1992. Uma das marcas da sua gestão foi a atenção dada à saúde mental, com o

fim dos manicômios e da criação dos NAPS (Núcleo de Apoio Psicossocial). Após deixar a Prefeitura de Santos, passou a trabalhar como consultor no Ministério da Saúde.

Um problema crônico no fígado, oriundo de um tratamento para a leucemia dez anos antes, o obrigaria a fazer um transplante. Morreu de falência múltipla de órgãos aos 52 anos.

8 – Pedro de Carvalho Pontual, (26.5.1953, São Paulo, SP), na ocasião da foto, era integrante da Coordenação Executiva do Instituto Cajamar.

Desde a década de 1970, atua em movimentos sociais e organizações não governamentais (ONGs) na área de participação cidadã nas políticas públicas. Sua experiência tem ênfase na educação popular, atuando como consultor em temas como educação para a cidadania, políticas públicas, gestão democrática e participação social. É graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1976), tem mestrado (1995) e doutorado (1999) em Educação pela PUC.

É presidente honorário do Conselho de Educação Popular da América Latina, o qual presidiu de 2001 a 2008. É sócio fundador e colaborador na Ação Educativa. Entre outros cargos que ocupou, foi diretor do Departamento de Participação Social da Secretaria Nacional de Articulação Social da Presidência da República (2012); assessor de projetos especiais no Sesi (2015-16); diretor de Participação Social da Secretaria-Geral da Presidência da República (2011-15); secretário de Participação Cidadã da Prefeitura de Embu das Artes (2009-10); membro titular do Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos (2008-10); vice-presidente para América Latina do International Council for Adult Education (2007-10); pesquisador em Participação Social no Pólis - Assessoria, Formação e Estudos em Políticas Sociais (2006-08); coordenador da Escola de Cidadania (2003-08); coordenador do Núcleo de Participação Popular do Gabinete do Prefeito (1997-2000) e secretário Municipal de Participação e Cidadania (2001-02) na Prefeitura de Santo André (SP); técnico em educação não formal na Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional, FASE (1992-96); assessor técnico do Gabinete da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo de 1989 a 1990 (gestão do professor Paulo Freire), sendo responsável pela área de educação de Jovens e Adultos e coordenador do MOVA-SP (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da cidade de São Paulo) e coordenador do Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae, SEDES (1975-87). No Instituto Cajamar, foi coordenador dos departamentos de Recursos Pedagógicos e de Formação de 1987 a 1988, tendo executado atividades docentes nos cursos de formação de educadores populares na temática das metodologias das práticas educativas.

Fila 2

9 – Ainda não identificado.

10 – João Baptista Zefferino Salles Vanni, (17.3.1943, Cantanduva, SP / 22.2.1999, São Paulo, SP), era assessor no Senado na ocasião da foto.

Brizolista nos anos 1960, começou a militar na mobilização para garantir a posse de João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros da Presidência da República, em 1961. Foi estudante de Direito e de Filosofia da USP. Entrou na ALN nos primeiros momentos de formação do grupo. Exilou-se em Paris em 1969 para embarcar para Cuba e ter treinamento militar, mas acabou mantendo-se na França até a Anistia, em 1979. Ao voltar para o Brasil, assumiu por meio de concurso público o cargo de assessor no Senado. Ficou pouco tempo no PT. Foi identificado na foto por Paulo Vannuchi e outros companheiros.

11 – Claus Magno Germer, (2.2.1943, Blumenau-SC), era membro do Diretório Regional do Paraná e da Comissão Executiva do DR-PR na ocasião da foto.

Graduou-se (1966) em Agronomia na UFRRJ. A partir de 1967, aprofundou-se na pesquisa e no debate da questão agrária no Brasil e obteve o mestrado em Economia Rural (1976) na Esalq/USP. Depois de mudar-se para Curitiba, em 1976, e diante da efervescência de movimentos ligados à terra, na região Sul, vinculou-se ainda mais ao tema como colaborador dos movimentos de luta pela terra e como pesquisador. Em 1979, ingressou na UFPR como professor colaborador no Departamento de Economia, e, em 1980, tornou-se efetivo no mesmo departamento por concurso. De 1983 a agosto de 1985, foi secretário da Agricultura do estado do Paraná, no primeiro governo estadual eleito em eleições diretas, tendo se demitido devido ao recuo do governo no apoio aos movimentos de luta pela terra. Fez doutorado (1992-95) na Unicamp na área de Teoria Econômica, aprofundando-se na teoria econômica de Marx, dedicando-se à pesquisa e publicações nesta área. Aposentou-se em novembro de 2012, por atingir o limite de idade, que era de 70 anos naquela época, mas permaneceu ainda durante dois anos na condição de professor sênior do Departamento de Economia da UFPR.

Esteve filiado ao PT de 1986 a 2003, “mas em militância ativa somente até 1992-93”. Foi membro do Diretório Regional do Paraná e da Comissão Executiva do DR-PR de 1986 a 1990 “ou 91”. Candidatou-se a deputado federal constituinte em 1986 e a prefeito de Curitiba em 1988. Foi vice-presidente do PT-PR a partir de 1989 e presidente ao final do período da gestão em substituição ao titular. Em 1989, também integrou a delegação que representou o PT na comemoração do 40º aniversário de fundação da República Demo-

crática da Alemanha, em Berlim. Ainda de 1987 a 1992 (“ou 93”), foi membro do Diretório Nacional e da Comissão Agrária Nacional do PT.

12 – Eduardo Jorge Martins Alves Sobrinho, (26.10.1949, Salvador, BA), era deputado federal (PT-SP) na ocasião da foto.

Formou-se em Medicina em 1973, na UFPB, onde seu pai foi reitor. Em João Pessoa (PB), militou no movimento estudantil e no PCBR. Especializou-se em medicina preventiva e em saúde pública na USP. Com base na Lei de Segurança Nacional, foi preso e processado por duas vezes, em João Pessoa e em São Paulo. Atuou em movimentos populares na periferia de São Paulo a partir de 1974, e organizou os primeiros conselhos populares de saúde em 1978. Trabalhou como médico sanitaria da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Foi deputado estadual (1983-86) e federal (1987-2003) pelo PT, tendo sido vice-líder do partido em 1991, 1993 e 1996 e líder em 1992. Foi membro da Executiva Nacional do PT (1992-93) e membro do Diretório Nacional do PT (1984 e 1995). Em 1991, propôs a remoção das marcas comerciais de medicamentos, um pontapé inicial para os futuros medicamentos genéricos. Após divergências com o PT, filiou-se ao PV em 2004. É coautor da legislação constitucional sobre Seguridade Social (Saúde, Previdência e Assistência Social) e autor ou coautor de leis brasileiras que regulamentam os medicamentos genéricos, o planejamento familiar e a esterilização voluntária; das leis de vinculação de recursos orçamentários para o SUS e de restrição ao uso do amianto, bem como da lei orgânica da assistência social. Foi secretário municipal de Saúde (1989-90 e 2002-02) de São Paulo, respectivamente nos governos de Luiza Erundina e de Marta Suplicy, e secretário municipal do Meio Ambiente nas gestões de José Serra e Gilberto Kassab. Em 2014, foi candidato à Presidência da República, ficando em 6º lugar, com 0,61% dos votos, apoiando o candidato do PSDB (Aécio Neves) no segundo turno. Em 2018, foi o vice na chapa de Marina Silva (Rede). No segundo turno, enquanto Marina apoiou o PT, Eduardo Jorge declarou neutralidade. Em 2022, posicionou-se contra a Federação que reuniu PT, PCdoB e PV; declarou simpatia pela candidata presidencial Simone Tebet e disse que Lula era o “mal menor” no segundo turno.

13 – Wander Bueno do Prado, (26.07.1952, São Paulo, SP), integrante da Coordenação Executiva do Instituto Cajamar na ocasião da foto.

É sociólogo. Foi assessor de Luiz Inácio Lula da Silva de 1982 a 1997. Fundador do Instituto Cajamar, da TVT e conselheiro fundador do Instituto Lula. Foi secretário adjunto de Governo e secretário de Combate à Violência Urbana em Santo André (1997-2007) e secretário de Relações Federativas em Guarulhos (2008-11).

14 – Luiz Inácio Lula da Silva, (27.10.1945, Garanhuns, PE), então presidente nacional do PT e deputado federal constituinte (PT-SP).

Sétimo de oito filhos, Lula chegou a São Paulo em 1952 com a mãe e os irmãos após 13 dias de viagem em “pau de arara”. Desde criança, ajudava na renda da família, foi vendedor, engraxate e office-boy. Aos 14 anos, teve seu primeiro trabalho com carteira assinada. Formou-se torneiro mecânico no Senai. Trabalhou em várias fábricas até chegar a Villares após o golpe de 64. Começou a ter contato com o movimento sindical, muito influenciado por seu irmão Frei Chico. Em 1969, foi eleito suplente na diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Em 1972, tornou-se primeiro-secretário. Em 1975, foi eleito presidente do sindicato com 92% dos votos, passando a representar 100 mil trabalhadores. Em 1978 foi reeleito presidente do sindicato e, após dez anos sem greves operárias, ocorreram no país as primeiras paralisações. Em março de 1979, 170 mil metalúrgicos pararam no ABC paulista. Fundador do PT em 1980, Lula foi escolhido seu primeiro presidente. No mesmo ano, nova greve dos metalúrgicos provocou a intervenção do governo federal no sindicato e a prisão de Lula e outros dirigentes sindicais com base na Lei de Segurança Nacional. Foram 31 dias de prisão.

Em 1982, Lula disputou o Governo de São Paulo. Em 1986, foi eleito o deputado federal mais votado do país, para o Congresso Constituinte. Em 1989, Lula disputou a Presidência da República pela primeira vez, quase vencendo Fernando Collor no segundo turno. Disputaria o cargo ficando em segundo lugar em 1994 e 1998, sendo finalmente eleito em 2002, com 61,27% dos votos no segundo turno. Foi reeleito em 2006 com 60,83% dos votos em segundo turno.

Na sequência do golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff, Lula foi condenado e preso em 2018, vítima de um processo sem crime e sem provas, repleto de inconsistências e conduzido por um juiz parcial. Fernando Haddad, que era então vice de Lula na chapa presidencial para as eleições daquele ano, substituiu Lula na cabeça da chapa, perdendo para Jair Bolsonaro no segundo turno. Lula ficou preso 580 dias na sede da Polícia Federal em Curitiba, em frente da qual foi montada a Vigília Lula Livre. Lula foi libertado em novembro de 2019. Elegeram-se novamente presidente da República por uma margem apertada de votos em 2022, derrotando Jair Bolsonaro. É pré-candidato à reeleição em 2026.

15 – Funcionária do Instituto Cajamar (nome não identificado).

16 – Lafaiete Santos Neves, (30.9.1944, Júlio de Mesquita, SP), era membro da Comissão Pontifícia de Justiça e Paz do Paraná.

Trabalhou na Volkswagen do Brasil de 1959 a 1968. Graduiu-se em História pela UFPR em 1973. É mestre em História pela PUC-SP e doutor em Economia pela UFPR, universidade da qual é professor aposentado. Nos anos 80, foi membro da Comissão Pontifícia de Justiça e Paz do Paraná e coordenador do Movimento de Associações de Bairros de Curitiba.

Pelo PT, foi candidato a vice-prefeito de Curitiba em 1985 e a deputado estadual no ano seguinte. Em 1988, foi presidente do PT Curitiba e candidato a vereador. Presidiu a Associação dos Professores da UFPR (APUFPR) de 1987 a 1991. Foi diretor do DIEESE-PR nos anos 90. Em 1991, foi diretor do ANDES-SN.

Nos anos 2010, coordenou o Movimento Popular de Transportes de Curitiba e Região Metropolitana. Foi conselheiro titular do Conselho da Cidade de Curitiba de 2017 a 2025. Em julho de 2025, foi nomeado conselheiro suplente do Conselho de Mobilidade e Urbanismo de Florianópolis representando a União das Entidades Comunitárias de Florianópolis. Vive em Florianópolis com a esposa, Eliana F. S. Neves, com quem tem quatro filhos e sete netos.

17 – Augusto de Franco, (1950, Rio de Janeiro, RJ), na ocasião da foto, era integrante da direção nacional do PT.

Integrou a direção do PT de 1982 até meados de 1993, tendo coordenado o Primeiro Congresso do Partido em 1991. Em 1995, a convite de Ruth Cardoso, entrou no Conselho da Comunidade Solidária, juntamente com outros líderes da Ação da Cidadania: Betinho, Dom Luciano Mendes de Almeida e Ney Bittencourt de Araújo. É escritor, palestrante e consultor. Autor de dezenas de livros e textos sobre desenvolvimento local, capital social, democracia e redes sociais. Na rede X, apresenta-se como autor de *Como as democracias nascem* (2023). Suas biografia e bibliografia encontram-se neste site: <https://redes.org.br/augusto-de-franco/>. Foi identificado na foto por Paulo Vannuchi.

18 – Dainis Karepovs, (24.10.1957, Santo André, SP), na ocasião da foto era assessor no gabinete de Clara Ant na Assembleia Legislativa de SP.

É historiador e doutor em História pela USP e pós-doutor em História pela Unicamp. Estudioso da história da esquerda comunista no Brasil dos anos 1920-1930. Autor de *Luta Subterrânea: o PCB em 1937-1938* (2003), *A História dos Bancários: Lutas e Conquistas, 1923-1993* (1993), *Na Contracorrente da História* (1987, em parceria com Fulvio Abramo) e *Pas de Polique, Mariô! Mario Pedrosa e a Política* (2017). É pesquisador e diretor do acervo do Centro de Documentação do Movimento Operário Mario Pedrosa (CEMAP).

19 – Regina de Queiroz, (Nascida em São Paulo, SP, em data que ela própria não quis informar), filiada ao PT.

Quando da fundação do PT, ao qual filiou-se desde o início, trabalhava no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema (SP). Graduada em Ciências Políticas e Sociais, sua militância “sempre esteve relacionada à atuação profissional nas diversas instâncias ou organizações que mantinham relação com as políticas do PT”. Contribuiu na criação do Instituto Cajamar, atuou na secretaria geral da CUT Nacional e no TIE, organização não governamental internacional que desenvolvia projetos para e com trabalhadores dos setores metalúrgico e do campo sobre cadeias produtivas. Trabalhou para a ABDL, projeto internacional para desenvolvimento sustentável. Na gestão Marta Suplicy na Prefeitura de São Paulo, colaborou por dois anos na Secretaria de Relações Internacionais. Depois, contribuiu no Instituto Observatório Social da CUT. De 2009 a 2020, trabalhou na Fundação Perseu Abramo, na Escola Nacional de Formação. De 2023 a 2025, atuou no Ministério das Mulheres e na Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República. Vive em São Paulo.

Fila 3

20 – Ainda não identificada.

21 – Ainda não identificado.

22 – Ainda não identificado.

23 – Tarcísio Secoli – (15.8.1956, São Bernardo do Campo, SP), então funcionário da Mercedes-Benz e militante do PT.

Economista formado pelo Centro Universitário Fundação Santo André e técnico em laboratório industrial pela ETE Lauro Gomes, foi funcionário do setor de qualidade da Mercedes-Benz de 1976 até 2011, e dirigente no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC de 1990 a 2008, sendo diretor de base, secretário-geral e administrativo. Foi secretário de Coordenação Governamental e de Serviços Urbanos da Prefeitura de São Bernardo do Campo (SP) nas gestões (2009-2016) de Luiz Marinho (PT). Em 2016, ficou em terceiro lugar na eleição para prefeito de São Bernardo, alcançando 22,57% dos votos.

24 – Ainda não identificada.

25 – Breno Altman – (17.12.1961, São Paulo, SP), militante do PT.

Egresso do PCB, entrou no PT em 1986. É jornalista, fundador do site Opera Mundi e autor do livro *Contra o Sionismo: Retrato de uma Doutrina Colonial e Racista* (Alameda Editorial).

26 – Ainda não identificado.

27 – Ainda não identificado.

28 – Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, (8.4.1956, Santa Cruz-RN, “mas me criei em Acari [RN]”), era o então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema (SP) e seria reeleito ao cargo três anos depois.

Em seu estado natal, trabalhou na mineração e, ao completar 20 anos, migrou para São Paulo, onde se empregou como metalúrgico. Trabalhou por 25 anos na Mercedes-Benz. Filiou-se ao sindicato da categoria em 1977, integrou a comissão de mobilização na histórica greve de 1980 e foi vice-presidente da entidade em 1981, mesmo ano em que se filiou ao PT. Em 1983, foi cassado pela ditadura militar, assim como toda a diretoria do sindicato. Na convenção para a escolha da nova direção em 1984, os metalúrgicos, mais uma vez, quebraram as leis autoritárias do Estado e escolheram quatro cassados para a chapa: Jair Meneguelli, Lula, Vicentinho e José Cândido Pereira. Retornou à entidade como primeiro-secretário. Em 1987, foi eleito por unanimidade presidente do Sindicato, sendo reeleito para o cargo três anos depois. Foi um dos fundadores da CUT, sendo eleito presidente da CUT-ABC e depois da CUT-Nacional, por dois mandatos (1994-2000). Está em seu sexto mandato (2023-2027) consecutivo como deputado federal (PT-SP).

29 – Juan Valdés Paz, (1938, Havana-Cuba / 26.10.2021, Havana), era chefe do Departamento de América Latina do CEA quando participou do seminário no INCA.

Sociólogo e historiador. Nos anos 60, foi fundador da revista *Pensamiento Crítico*. Publicou diversos artigos e livros sobre temas agrários e de sociologia política não somente sobre Cuba, mas também sobre México, Costa Rica, Porto Rico, Argentina, Brasil, Peru, Estados Unidos e Espanha. Venceu o Prêmio Nacional de Ciências Sociais e Humanísticas em 2021 pelo conjunto de sua obra. Foi professor da Universidade de Havana e do Instituto Superior de Relações Internacionais Raúl Roa García; como pesquisador, atuou no Instituto de História de Cuba e no Centro de Estudos da América (CEA). A Fundação Perseu Abramo reeditou uma de suas principais obras, disponível aqui: <https://fpabramo.org.br/editora/wp-content/uploads/sites/17/2025/05/Libro-La-Evolucion-del-Poder-Valdes-Paz-Digital.pdf>.

30 – Camilo Domenes, cubano, então subdiretor do Centro de Estudos da América (Havana).

O palestrante cubano foi identificado no livro *1917*1987 Socialismo em Debate* com o nome de Camilo Domenes, mas, numa carta escrita em 31 de maio de 2005 pelo militar da reserva José Luiz Sávio Costa, então consultor em Inteligência e Contra-Subversão, ao general do Exército Francisco Roberto de Albuquerque, o nome atribuído ao companheiro cubano é Camilo Domenech Jimenez. Quase ao final da referida carta, que tem o objetivo de “provar” o

viés “comunista” do PT após Lula estar havia dois anos na Presidência da República, o militar escreve: “Vieram para o Seminário, de acordo com a obra publicada pelo Instituto Cajamar, ‘los hermanos’: Camilo Domenes (Centro de Estudos) e Juan Valdez, citado na obra como Chefe do Departamento América. Na época, o Chefe do Departamento América era Manuel Piñero Losada, el ‘Barbaroja’, responsável pela coordenação dos movimentos revolucionários na América Latina (MIR; FPMR chilenos entre outros). Nome completo desses cubanos: Camilo Domenech Jimenez e Juan Jorge Valdez Paz.” A íntegra da referida carta está aqui: <https://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=21541&cat=Cartas&vinda=S>.

31 – Glória Satoko Konno, (7.4.1952, São Paulo, SP), então formadora no Instituto Cajamar.

Advogada. Trabalhou por quase dez anos no Sindicato dos Bancários de São Paulo. Atuou em dezenas de eleições sindicais com metas de “tirar os pelegos que estavam há muitos anos nos sindicatos de diversas categorias”. Teve breve passagem no Instituto Cajamar, onde atuou na formação. Foi assessora parlamentar do deputado estadual petista Lucas Buzato (1987-91; 1991-95 e 1995-99). Trabalhou nas administrações municipais petistas de São Paulo (Luiza Erundina, Marta Suplicy), Santo André (Celso Daniel, João Avamileno), São Bernardo (Luiz Marinho) e Diadema (José de Filippi Júnior). Foi presidente do Instituto de Previdência e do Instituto de Assistência à Saúde do Funcionalismo, autarquias de São Bernardo do Campo (SP). Mora em Ribeirão Pires (SP).

32 – José Castilho Marques Neto, (18.8.1953, São Paulo, SP), na ocasião da foto, era professor da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Araraquara (SP).

Doutor em Filosofia pela USP, professor aposentado na Unesp, pesquisador, editor e gestor público. É consultor internacional na JCastilho – Gestão&Projetos – Livro-Leitura-Biblioteca e conselheiro de várias instituições culturais e educacionais. É membro titular do Conselho Diretivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) 2025-2035 (MinC+MEC). Dirigiu diversas instituições culturais ligadas ao livro e à formação de leitores: Editora UNESP (por 27 anos), Biblioteca Pública Mário de Andrade - São Paulo (por três anos), secretário executivo do PNLL (por oito anos). Presidiu em vários mandatos a Associação Brasileira e a Associação Latino-americana de Editoras Universitárias - ABEU e EULAC. Escreveu livros e artigos em sua área de atuação. A Lei 13.696/2018, da PNLE - Política Nacional de Leitura e Escrita - é apelidada com seu nome em reconhecimento ao seu trabalho em prol do livro e da formação de leitores.

Fila 4

33 – Apolônio de Carvalho, (9.2.1912, Corumbá, MS / 23.9.2005, Rio de Janeiro, RJ), então membro do Diretório Nacional do PT.

Aos 23 anos, o jovem oficial de Artilharia a Cavalo em Bagé (RS) engajou-se na ANL. Preso em 1936, teve sua patente militar destituída e foi expulso do Exército. Saiu da prisão em junho de 1937 e ingressou no Partido Comunista. Juntamente com outros 20 brasileiros foi para a Espanha, onde combateu nas Brigadas Internacionais ao lado das forças republicanas contra os fascistas. Em 1939, foi para a França, onde permaneceu em campos de refugiados até maio de 1940, quando fugiu para Marselha, onde ingressou na Resistência Francesa, tornando-se comandante da guerrilha dos *partisans* na região com sede em Lyon. Foi também em 1942 que conheceu Renée France, jovem militante comunista da Resistência, que se tornaria sua companheira para o resto da vida [veja sua biografia sem seguida]. Em 1944, organizou o ataque à prisão de Nîmes, da qual foram libertados 23 militantes da Resistência. Em agosto, Apolônio comandou a liberação de Carmaux, Albi e Toulouse.

Com o fim da Segunda Guerra, em 1945, encontrou a família em Paris, de onde embarcou no ano seguinte para o Rio. Apolônio, Renée e dois filhos passaram a viver na clandestinidade, militando entre Rio e São Paulo até 1953, quando ele partiu para um curso na União Soviética. Em 1955, Renée o encontrou em Moscou e, em 1957, a família voltou ao Brasil, vivendo na semilegalidade, situação que se estendeu até o golpe militar de 1964, quando passou a viver em profunda clandestinidade. Em consequência das divergências com o Comitê Central do Partido Comunista (do qual era membro) Apolônio e outros integrantes da denominada Corrente Revolucionária do Estado do Rio deixaram o PCB, em 1967. Juntamente com Mário Alves, Jacob Gorender e outros dissidentes, Apolônio formou o PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário), do qual tornou-se secretário-geral. Em janeiro de 1970, no bojo de quedas que atingiram dezenas de militantes do PCBR, Apolônio e Mário Alves são presos no Rio e Jacob Gorender em São Paulo. Todos são violentamente torturados e Mário Alves, assassinado.

Em junho, Apolônio e outros 39 presos políticos brasileiros chegaram a Argel, trocados pelo embaixador alemão, sequestrado por um comando revolucionário no Rio de Janeiro.

A volta ao Brasil foi em outubro de 1979, depois da Anistia de agosto daquele ano. Em fevereiro de 1980, Apolônio participou da fundação do PT, sendo homenageado no ato inaugural e assinando como um dos primeiros filiados. Permaneceu na direção do Partido até 1987, quando se afastou por orientação médica.

Nos 100 anos de seu nascimento, em 2012, o Memorial da Resistência o homenageou com a exposição *Apolônio de Carvalho, a trajetória de um libertário*.

No mês em que Apolônio completaria 112 anos, o *Brasil de Fato* reproduziu uma entrevista que ele concedeu poucas semanas antes de morrer, aos 93 anos, que está disponível aqui: <https://www.brasildefato.com.br/2025/02/09/comunista-historico-apolonio-de-carvalho-faria-112-anos-neste-domingo-9-relembre-entrevista-ao-bdf/>

34 – Renée France de Carvalho, (1925, Marselha, França / 12.9.2018, Rio de Janeiro, RJ), militante do PT, ela está semiencontrada por Tarcísio Secoli na foto.

Filha de pais comunistas, dedicou-se desde muito cedo à luta na resistência francesa contra a ocupação nazista e o governo colaboracionista de Vichy. Aos 11 anos, Renée recolhia dinheiro pelas ruas da cidade para doar aos operários da greve de 1936. Tempos depois, já participava da resistência como guerrilheira, na luta contra o nazismo. Aos 18, como militante clandestina, transportava maletas com armas e dinheiro para guerrilheiros da resistência. Renée veio para o Brasil em 1945. Ainda na juventude, conheceu o dirigente comunista brasileiro Apolônio de Carvalho, seu companheiro de vida e de luta. Com sua família, Renée atravessou décadas de prisão, tortura e exílio.

Junto com Apolônio, participou da fundação do PT, em 1980, e manteve-se ligada ao Partido até seu último dia de vida.

Em 2012, foi lançado o livro autobiográfico *Renée France de Carvalho - Uma vida de lutas* (Editora Perseu Abramo), que retrata sua história de resistência.

35 – Angela Cristina Fernandes, (27.7.1961, São Paulo, SP), na ocasião da foto, trabalhava no setor de fotografia e vídeo do CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação).

Fotojornalista, é graduada em Comunicação com Habilitação em Cinema na FAAP, tem mestrado em Preservação de Imagens Históricas, Iconografia e Imagens de Satélite na ECA-USP e em Direito Animal e Ambiental na USJT. Fundadora da SOS Bicho e Ações Climáticas, é ativista vegana, abolicionista, senciocentrista e antiespecista.

Começou a trabalhar no CEDI na área de fotografia e vídeo com Murilo Santos na época das greves do ABC: “Acompanhei os discursos na Vila Euclides”. Registrou imagens de líderes como: Fidel Castro; Chico Mendes, Desmond Tutu e Luiz Carlos Prestes “pouco antes de sua morte”. Foi secretária de Aloizio Mercadante.

Em 1994, produziu um curta-metragem de 16 mm sobre os estivadores do Porto de Santos, que ganhou prêmio em Caracas. De 1995 a 1998, estudou fotojornalismo de denúncia nos Estados Unidos, onde, numa Escola de Refugiados, escreveu o roteiro *Memory*,

sobre várias pessoas de nações independentes. Em 2014, passou três meses na Holanda pelo ativismo vegano e de direito animal quando o Partido Animal estava no poder. Em 2024, foi assessora da candidata a vereadora Elisa Nascimento (PT) em São Paulo. Mudou-se em 2025 para Botucatu (SP), para onde transferiu sua filiação ao PT.

36 – Delúbio Soares, (6.11.1955, Buriti Alegre, GO).

Começou sua militância política na década de 70, no Movimento da Anistia em Goiânia (GO). É formado em Matemática pela Universidade Católica de Goiás, tendo mantido vínculo de professor no ensino estadual oficial de 1976 a 1983. Foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado de Goiás e da CUT-GO. Em 1986, candidatou-se a deputado federal por Goiás, recebeu quase 8 mil votos, mas não se elegeu. Foi tesoureiro da CUT nacional e presidiu o Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador. Em 1995, passou a integrar o Diretório Nacional do PT, no qual exerceu a função de secretário sindical e de tesoureiro a partir de 2000. Em 2016, foi alvo da Operação Lava Jato, sendo preso em 2018 por decisão do juiz Sergio Moro. Em janeiro de 2014, quando teve autorização judicial para trabalhar durante o dia, foi contratado como assessor pela CUT, dando expediente em Brasília. Em março de 2023, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) anulou a condenação dno âmbito da Operação Lava Jato.

37 – Aloizio Mercadante, (13.5.1954, Santos, SP), então coordenador do Departamento de Estudos e Pesquisas do Instituto Cajamar, do qual também era integrante da Coordenação Executiva.

Filho de um general do Exército e ex-comandante da Escola Superior de Guerra, começou a militar no movimento estudantil contra o regime militar quando ingressou na Faculdade de Economia da USP, ajudando a reconstruir o Diretório Central dos Estudantes. Em 1975, presidiu o Centro Acadêmico dos Estudantes de Economia. Graduiu-se em 1976 e em seguida fez mestrado em economia na Unicamp, onde também concluiu o doutorado em 2010. É professor licenciado da PUC-SP.

Foi eleito deputado federal por São Paulo em 1990. De 1991 a 1998, foi também vice-presidente nacional do PT. No Partido, ainda foi secretário de Relações Internacionais e integrante do Diretório Nacional e da Executiva Nacional. Participou da elaboração dos programas de governo do PT e foi coordenador da campanha presidencial do Partido nas eleições de 1989 e 2002.

Foi candidato à vice-presidência da República na chapa de Lula nas eleições de 1994. Em 1996, coordenou o programa de governo do PT e foi candidato a vice-prefeito de São Paulo na chapa de Luiza Erundina. Em 1998, Mercadante voltou à Câmara dos Deputados.

Foi eleito para o Senado em 2002. Em 2006 e 2010, foi o candidato do PT a governador de SP.

No primeiro governo Dilma Rousseff, foi ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação e da Educação. Após a reeleição de Dilma, foi ministro da Casa Civil e da Educação. Foi presidente da Fundação Perseu Abramo de 2020 a 2023. É presidente do BNDES desde 2023.

38 – Luís Flávio Rainho, (23.7.1943, Juiz de Fora, MG), na ocasião da foto, era pesquisador do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e formador do Instituto Cajamar.

Graduado (1968) em Ciências Sociais pela UFJF (1968), tem doutorado (1978) em Ciências Humanas pela USP, cuja pesquisa, *Os Peões do Grande ABC*, foi editada pela Vozes em 1980. Nos anos 70, foi professor da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (UFJF). Foi professor visitante (1976) no INPS de Juiz de Fora (MG), pesquisador na Secretaria de Educação de Minas Gerais (1974) e na Prefeitura de Juiz de Fora (1969-72); professor na Faculdade de Serviço Social de Juiz de Fora (1968-71) entre outras. Colaborou com o Serviço de Educação Popular de Juiz de Fora (1985-90). Foi professor na Escola de Formação Sindical (1985-90) do Instituto Cajamar, onde também foi consultor técnico do Departamento de Estudos e Pesquisas, desenvolvendo o programa Perspectivas Internacionais e o Movimento Sindical.

Foi consultor no Ministério do Trabalho e Emprego (2003), no Instituto Integrar (1995-2004) e na Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (1995-2004). Lecionou na Escola Sindical 7 de outubro (1985-95), onde foi sócio fundador. Foi pesquisador (1985-90) no Centro Ecumênico de Documentação e Informação e membro do Programa Memória e Acompanhamento do Movimento do ABC.

Participou da elaboração de várias publicações coletivas, tais como o livro-documento *Imagens da Luta*, sobre os metalúrgicos do ABC paulista.

Segue sendo um “militante de base que continua com a esperança do verbo esperar, como dizia Paulo Freire, pela construção de uma sociedade igualitária”.

39 – José Eduardo de Barros Dutra, (11.4.1957, Rio de Janeiro, RJ / 4.10.2015, Belo Horizonte, MG), então geólogo da Petrobras e militante do PT.

Formado (1979) em Geologia pela UFRRJ, trabalhou de 1983 a 1990 como geólogo da Petrobras Mineração - Petromisa, realizando o planejamento geológico na mina de potássio Taquari-Vassouras, em Sergipe. De 1990 a 1994, trabalhou na Companhia Vale do Rio Doce. Foi eleito Geólogo do Ano em 1988 pela Associação dos Geó-

logos de Sergipe. Foi presidente (1989-94) do Sindicato dos Mineiros do Estado de Sergipe e dirigente nacional (1988-90) da CUT.

Disputou o governo de Sergipe em 1990, sendo derrotado por João Alves Filho. Em 1994, foi eleito senador da República por Sergipe. Candidatou-se novamente ao governo de Sergipe em 2002, e novamente foi derrotado, no segundo turno, por João Alves Filho.

Renunciou ao Senado em janeiro de 2003 para assumir a presidência da Petrobras, cargo que ocupou até 22 de julho de 2005. Tentou eleger-se senador em 2006, mas foi derrotado por Maria do Carmo Alves, esposa de João Alves. Retornou à Petrobras como presidente da Petrobras Distribuidora, de 24 de setembro de 2007 a 14 de agosto de 2009. Deixou o cargo para disputar a presidência do PT, sendo eleito para o biênio 2010-2012. Em 2010, quando foi um dos coordenadores da campanha à eleição de Dilma Rousseff, foi eleito primeiro suplente do senador Antônio Carlos Valadares para o mandato 2011-2019. Em 29 de abril de 2011, se afastou da presidência do PT por questões de saúde. Faleceu de câncer aos 58 anos. Em sua conta pessoal no antigo Twitter, José Eduardo Dutra se definia como “botafoguense, noveleiro e petista”.

40 – Mario dos Santos Barbosa, (5.3.1948, Guararapes, SP), na ocasião a foto, era secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Trabalhou na Volkswagen, sendo membro da comissão de fábrica dos trabalhadores de 1982 a 1984. Membro fundador e diretor administrativo e financeiro do Instituto Cajamar.

Fez parte da direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema de 1984 a 2002 nas seguintes funções: em 26 de setembro de 1984, assumiu como vice-presidente; a partir de 18 de julho de 1987, foi secretário-geral; a partir de 19 de julho de 1990, foi nomeado primeiro-secretário; de 1993 a 2002, foi diretor de Base. Membro fundador e diretor geral da TVT até 1995. Em novembro de 2001, quando era representante da América do Sul no comitê mundial dos funcionários Volkswagen, acompanhou Luiz Marinho, então presidente do sindicato, numa viagem à sede da montadora na Alemanha, quando conseguiram garantir a volta ao emprego de 1,5 mil dos demitidos, licença remunerada para os demais até janeiro de 2002 e um plano de demissões voluntárias para 700 empregados. Foi secretário de Relações do Trabalho (2006-07) e Assessor Especial para Assuntos Internacionais (2007-16) no Ministério do Trabalho e Emprego; coordenador geral da primeira Conferência Nacional de Emprego e Trabalho Decente (2012-13) pelo Ministério do Trabalho e do Emprego; diretor de Relações do Trabalho (2023/2024) e diretor de Programa até atualidade no Ministério da Gestão e da Informação.

41 – Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, (20.12.1945, Coroados, SP), era o vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Filho caçula de cinco irmãos, Guiba veio para São Paulo com a família ainda bebê. Os pais eram trabalhadores têxteis e uma irmã mais velha cuidava das outras crianças. Trabalhou desde os 9 anos, sendo um faz-tudo numa loja, depois numa oficina de funilaria e pintura e ainda numa gráfica. Aos 14 anos, virou metalúrgico de carteira assinada na Faspel, período a partir do qual fazia à noite cursos de fresador e de torneiro mecânico no Senai. Foi admitido na Ford em 1967. No ano seguinte, ganhou na Loteria Federal com um bilhete que lhe foi vendido por seu pai. Comprou sua casa, em São João Clímaco, para onde levou toda a família. Foi nesse bairro que conheceu a trabalhadora têxtil Bete, com quem se casaria em 1973. O casal teve os filhos Soraia e Marcio. Na Ford, em um curso supletivo, conseguiu retomar os estudos que tinham sido interrompidos na quarta série primária. Além de se destacar no time de futebol da montadora, Guiba ajudou a conquistar a primeira Comissão de Fábrica da categoria em 1981. Participou das greves de 1979 e 1980 pela Comissão de Mobilização. Nos anos 80, a família se mudou para São Caetano do Sul, no ABC paulista.

No Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Guiba foi secretário-geral (1984-87) e vice-presidente (1987-90 e 1990-93). No período de 1994 a 1996, assumiu a presidência do Sindicato. Foi membro da executiva (1996-99) e do CSE (1999-2002). Presidiu a Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT em 1990. Em 2003, foi indicado Delegado Regional do Trabalho de São Paulo. Nos anos 2000, foi eleito vice-presidente mundial da Fitim (Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas). Desde 2024, é assessor no Ministério da Gestão e Informação.

Numa entrevista ao Museu da Pessoa, Guiba conta detalhes de sua jornada. Disponível aqui: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/guiba-desde-sempre/>

42 – Epitácio Luiz Epaminondas, o Luizão, (8.10.1951, Macedônia, SP), então segundo tesoureiro na Executiva Estadual da CUT-SP.

Caçula de nove irmãos, morava num sítio onde os pais eram produtores rurais. Quando ia para a escola primária, levava uma dúzia de litros de leite no bernal para entregar na cidade e na volta trazia os litros vazios. Quando era adolescente, a família mudou-se para Jales. Mais tarde, num colégio interno em Monte Aprazível, fez seminário e colégio agrícola num internato. Em Jaboticabal, formou-se técnico agropecuário na área de zootecnia. Em Brodowski, trabalhou com

produção de milho e criação de galinhas. Depois, em Ribeirão Preto, estudou na faculdade Moura Lacerda.

Em 1974, prestou concurso na Petroquímica (em Santo André, SP), onde trabalhou durante 21 anos e meio até se aposentar. Fez curso de técnico de segurança industrial. Formou-se na Faculdade de Direito Brás Cubas. Um ano depois de se formar, entrou no Sindicato dos Químicos do ABC, onde foi vice-presidente e presidente nos anos 80, e presidiu o Fundo de Greve do ABC. Também participou da fundação do PT, por meio da Anamos. Integrou também a direção do Dieese. Teve uma longa jornada na Executiva Estadual da CUT-SP desde a executiva provisória (1984-85), que era presidida por Wanda Conti. Na 1ª Executiva (1985-86), foi tesoureiro; na 2ª Executiva (1986-87), era o segundo tesoureiro, cargo que ocupou também na 3ª Executiva (1987-88). Em 1989-91, ficou na suplência. Na 12ª Executiva, (2009-12), integrou o Conselho Fiscal. Também integrou a direção da CUT Nacional em sua fundação.

Foi dirigente do PT Nacional “na época dos 113”, quando morava em São Mateus, na Zona Leste de São Paulo, e organizou um comitê em sua própria casa, “onde tinha um quintal grande”. Após se aposentar, começou a trabalhar com Guiba na Confederação Nacional dos Metalúrgicos, especificamente no Programa Integrar, como coordenador. Quando estava na CNM, foi um dos coordenadores das centrais sindicais do Cone Sul e esteve na Itália, em Moscou e em Cuba, entre outros lugares, trabalhando com a questão da pessoa idosa, tema objeto de sua militância desde 1981. Também trabalhou na Secretaria de Política Sindical do PT Nacional.

Presidiu o Sindicato Nacional dos Trabalhadores Aposentados, Pensionistas e Idosos (Sintapi-CUT) em dois mandatos (2015-19 e 2019-23). É vice-presidente do Conselho Nacional da Pessoa Idosa, do Ministério de Direitos Humanos, para o biênio 2025-27.

Luizão mudou-se para Guapiáçu (SP) há cerca de 15 anos, ficou viúvo há sete e mora com duas netas. Teve uma filha “natural” e quatro filhos “do coração”. O mais velho faleceu. Em decorrência da diabetes, Luizão teve uma das pernas amputadas em 2002, e usa bolsa de colostomia desde 2017. Cadeirante, faz questão de dizer que é bastante ativo e se preparava para participar da COP 30 Social em novembro de 2025 por meio do Fórum Interconselhos. Também conta que chegou a pesar 135 quilos e agora tem cerca de 70.

43 – Ainda não identificado.

44 – Ainda não identificado.

45 – Ainda não identificado.

46 – Luiz Carlos Prestes, (3.1.1898 Porto Alegre, RS / 7.3.1990, Rio de Janeiro, RJ), ex-secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro.

Estudou Engenharia na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, atual Academia Militar das Agulhas Negras. Em outubro de 1924, já como capitão, Prestes foi um dos líderes da revolta tenentista contra o governo de Arthur Bernardes, especialmente da coluna militar que percorreu, com 1.500 homens, durante dois anos e cinco meses, cerca de 25 mil quilômetros do Brasil. A marcha terminou em 1927, quando os revoltosos se exilaram na Bolívia e na Argentina. Na Bolívia, Prestes foi procurado por Astrojildo Pereira, secretário-geral do Partido Comunista do Brasil, que fora incumbido de convidá-lo a firmar uma aliança entre “o proletariado revolucionário, sob a influência do PCB, e as massas populares, especialmente as massas camponesas, sob a influência da coluna e de seu comandante”. Prestes, contudo, não aceitou essa aliança. A seguir, muda-se para a Argentina, onde lê Marx e Lênin. Negou-se a participar da Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas. Muda-se para a ex-União Soviética em 1931, trabalhando ali como engenheiro e dedicando-se ao estudo do marxismo-leninismo. Eleito membro da Comissão Executiva da Internacional Comunista, Prestes regressou clandestinamente ao Brasil em abril de 1935 com a identidade de Antônio Vilar, cidadão português que tinha como esposa Maria Bergner Vilar (a alemã comunista Olga Benário). No Brasil, a recém-constituída Aliança Nacional Libertadora (ANL), organização política de âmbito nacional, fundada oficialmente em 12 de março de 1935, que tornou-se uma ampla frente da qual participaram socialistas, comunistas, católicos e democratas. Escolhido como presidente de honra da ANL, Prestes divulga, em julho de 1935, um manifesto exigindo o fim do governo Vargas. Getúlio declara a ANL ilegal. Como uma das reações, ocorre o Levante de 1935, com foco em quartéis situados nas cidades de Recife, Natal e Rio de Janeiro. No dia 5 de março de 1936 Prestes foi preso, juntamente com Olga Benário. Em setembro do mesmo ano, Olga, em adiantado estado de gravidez, foi entregue a agentes do governo nazista alemão. A filha do casal, Anita, nasceu na prisão, na Alemanha. Olga foi executada em câmara de gás. Prestes permaneceria preso até o fim do Estado Novo, quando foi anistiado e logo em seguida eleito senador. Participa da Assembleia Constituinte. Em 1947, o registro do PCB foi cassado, ocorrendo em seguida a cassação dos mandatos dos parlamentares, inclusive de Prestes, que teve de retornar à clandestinidade. Em 1951, conheceu sua segunda companheira, Maria, com quem teve sete filhos. O casal conviveu até a morte de Prestes. A ditadura militar o incluiu na primeira lista de cassados, em abril de 1964. Em junho de 1966, num processo conduzido pela 2ª Auditoria do Exército de São Paulo, foi condenado a revelar a 15 anos de prisão, acusado de tentar reorganizar o PCB. Em fevereiro de 1971, o Comitê Central do PCB decidiu que Prestes deveria deixar o país, pois sua segurança estava ameaçada.

Partiu então de São Paulo com destino à Argentina, via Rio Grande do Sul. De Buenos Aires, tomou um avião até Paris, viajando em seguida para Moscou. Com a decretação da Anistia em agosto de 1979, Prestes, após oito anos de exílio, desembarcou no Rio de Janeiro em 20 de outubro seguinte. Pouco tempo depois de seu regresso, Prestes escreve uma “Carta aos comunistas” expondo suas divergências com a orientação do Partido de que fora até então o principal dirigente. Em 1982, acompanhado por vários militantes, retira-se do PCB. Em 1989, Prestes apoiaria no primeiro turno a candidatura de Leonel Brizola à presidência da República. No segundo turno, apoiou Lula. Em janeiro de 1990, Luís Carlos Prestes foi internado numa clínica no Rio de Janeiro para tratamento de insuficiência renal e princípio de desidratação. Seu estado de saúde, no entanto, agravou-se no início de março, quando voltou a ser internado. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 7 de março de 1990. Nessa data, a Justiça Eleitoral concedeu o registro definitivo ao PCB.

Fila 5

47 – Jupira Cauhy, (7.2.1960, São Paulo, SP), então formadora no Instituto Cajamar.

Pedagoga formada pela PUC-SP, integrou a equipe de formadores do Instituto Cajamar de 1987 a 1988 e de 1992 a 1995, e a equipe de formadores da Fundação Perseu Abramo de 2008 a 2020, entre outros trabalhos realizados para o setor público e o terceiro setor em processos de planejamento estratégico situacional, desenvolvimento de metodologias participativas, formação e moderação de processos coletivos conversacionais.

48 – Ainda não identificada.

49 – Lucietta Bellomo – (8.3.1953, Cossato, Província de Biella, Itália), então voluntária da ONG MLAL (Movimento Laico América Latina).

Frequentou o Liceu Científico A. Avogadro. Estudou Ciências Políticas e Ciências da Educação na Universidade de Torino. De janeiro de 1987 a junho de 1989, foi voluntária da ONG MLAL (Movimento Laico América Latina) da Itália em Campinas (SP), no setor Rural da CUT. Ao ser procurada durante a produção desta publicação, em setembro de 2025, escreveu: “Lembro muito bem, Cajamar, a 70 anos da la Revolucao!” [mantivemos a grafia tal qual enviada na mensagem]. Nunca mais voltou ao Brasil.

Também como voluntária, esteve na Nicarágua em julho de 1983, com a Associação Itália Nicaragua Torino, e em Cuba, em 1991, com a Brigada Europeia José Martí e a Associação Itália Cuba Milano.

É secretária da Federação Provincial Biella (em Piemonte) do Partido da Refundação Comunista, onde milita desde 1991. De 1997

a 1991, militou no Partido Democracia Proletária que confluiu no Partido da Refundação Comunista. Mora em Pralungo, Província de Biella.

50 – Maurizio Marino, (11.04.1954, Cuneo, Norte da Itália) então voluntário da ONG MLAL (Movimento Laico América Latina).

Formado em Enfermagem e em Filosofia, era simpatizante do PT e amigo de muitos companheiros do Partido. Trabalhou no Brasil de janeiro 1987 a janeiro de 1992, e vivia em Campinas (SP). No Instituto Cajamar, fez cursos e foi colaborador. Antes de vir ao Brasil, esteve na Nicarágua em uma viagem de solidariedade com o governo sandinista por meio da Associação Itália-Nicarágua.

Voltou outras vezes para o Brasil para ver amigos/as. Uma das últimas visitas foi em 2020, em companhia dos filhos Pietro e Bianca, de 22 e 23 anos à época. Visitaram companheiros/as de Campinas, dos sem-terra de Sumaré (SP) e Sindicato de Trabalhadores Rurais Assalariados de Cosmópolis, todas pessoas e organizações com as quais colaborou durante sua jornada como voluntário no Brasil.

Atualmente, está aposentado e vive em Turim. Milita no Sinistra Ecologista. Ao ser procurado durante a produção desta publicação, em setembro de 2025, escreveu: “A photo do Cajamar de 1987 é para mim um presente muito agradecido. Grande saudade” [mantivemos a grafia tal qual enviada na mensagem].

51 – Ainda não identificado.

52 – Ainda não identificado.

53 – Luis Favre, (3.12.1945, Buenos Aires, Argentina), então membro do coletivo da Secretaria de Relações Internacionais do PT.

Filho de operários de origem judaica e simpatizantes do peronismo, Favre foi registrado Felipe Belisario Wermus e criado em uma moradia coletiva em Buenos Aires. Foi expulso da escola aos 17 anos por ter liderado uma greve de secundaristas. Na ocasião, militava no grupo trotskista Política Obrera (atual Partido Obrero, fundado por seu irmão, José Saul Wermus, este mais conhecido pelo pseudônimo Jorge Altamira).

Até os 20 anos, Favre viveu em Buenos Aires, onde trabalhou como gráfico, metalúrgico e contínuo. Por sua atividade política, foi detido oito vezes. Fugiu da Argentina de navio. Mudou-se para a França, estabelecendo-se em Paris, onde passou a trabalhar na gráfica de uma das facções da Quarta Internacional. Foi eleito para a direção, tornando-se responsável pelos grupos latino-americanos e supervisor da seção brasileira, cuja tendência estudantil, Liberdade e Luta (Libelu), teve projeção nos anos 1970 e no início dos 1980. Casou-se com a francesa Marie Ange, com quem teve um filho, Flavio. Naturalizou-se francês, mas não abdicou da cidadania argentina. Mudou-se

para São Paulo em 1985, com sua segunda mulher, a norte-americana Alexandra, com quem teve dois filhos: Tristan e Fabrice.

Favre deixou a Quarta Internacional para se filiar ao PT, onde atuou na Secretaria de Relações Internacionais do PT, atendendo a vários eventos internacionais como representante oficial do partido. Em 1987, era casado com Marília Andrade. Posteriormente, entre 2003 e 2009, Favre foi casado com Marta Suplicy.

Trabalhou como consultor em marketing eleitoral, comunicação política e publicidade. Há vários anos vive na França.

54 – Marília Furtado de Andrade, atual Lian Andrade, (21.5.50, Belo Horizonte, MG), militante do PT.

Jornalista e socióloga, petista desde anos 80, considera que Pedro Pomar (1913-1976, vítima do Massacre da Lapa) foi seu mentor nos anos 1971-76. Em 1986, antes portanto do Seminário do Instituto Cajamar, havia estado por um mês conhecendo a China. “Em outubro, [por orientação de W. Pomar], fui entregar [o trabalho] ao Luis Favre, que eu não conhecia, responsável na [Secretaria de] Relações Internacionais na sede do PT, e acabamos namorando, nesse mesmo novembro [da realização do seminário]”. A viagem de Marília também foi relatada no livro que ela escreveu em parceria com Luis Favre em 1989: *A Comuna de Pequim. A revolta dos estudantes contra os mandarins vermelhos*. A TVT editou o documentário *De Olho na China* com filmagens que Marília realizou na China na mesma ocasião. Trabalhou com Paulo Okamoto no Centro Cultural Elenko-KVA no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000. Desde 2008, Marília usa informalmente o nome Lian Andrade. Em 2025, ela esteve mais dois meses na China e trabalha atualmente em vídeos sobre o conteúdo produzido durante sua estada.

55 – Pedro Roberto da Silva, o Pedrão, (não conseguimos localizá-lo nem obter seus dados de nascimento), era então dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região.

Nos anos 80, trabalhou na Cobrasma, indústria de vagões de trem, em Hortolândia (SP). Foi vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região de 1984 a 1987, e manteve-se na direção nos dois mandatos seguintes. Foi reconhecido na foto por Marcos Antônio Vitorino de Almeida e Durval de Carvalho. No site do respectivo sindicato, estão registrados os mandatos de Pedrão: https://www.metalcampinas.org.br/?page_id=331

56 – Gilmar Carneiro (30.11.1953, Inhambuê, BA), era bancário e sindicalista na ocasião da foto.

Quando tinha três anos de idade, a família foi morar em Serriinha (BA). Em 1970, migraram para São Paulo, “para trabalhar, estudar, derrubar a ditadura, fundar o verdadeiro Partido dos Tra-

balhadores, além de fundar a nossa querida CUT Central Única dos Trabalhadores”.

Integrou a Comissão Nacional Pró-CUT e foi eleito para a primeira Executiva Nacional como secretário nacional de Imprensa. Com os jornalistas Flávio Pachalsky e Reiko Miura, organizou a imprensa sindical cutista, segundo ele, com destaque no trabalho com os sindicatos rurais. Para o triênio 1989-91 da Executiva Nacional da CUT, foi eleito secretário-geral.

Foi presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região de 1988 a 1994, resgatando o Sindicato após uma intervenção. Em 16 de abril de 2025, na solenidade de celebração dos 102 anos de fundação do sindicato, Gilmar chorou emocionado ao ser homenageado pela atual diretoria: <https://www.instagram.com/reel/DIh2-m5Njiy/?igsh=MWR3cXcyeWZlZjlmA==>. Aqui, algumas de suas declarações na ocasião: <https://www.fetecsp.org.br/solenidade-repleta-de-emocao-marca-o-aniversario-de-102-anos-do-sindicato-dos-bancarios-de-sao-paulo/>.

57 – Ainda não identificado.

58 – Jacob Gorender, (20.01.1923, Salvador, BA / 11.6.2013, São Paulo, SP), então historiador, escritor e cientista social, ex-dirigente do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário.

Filho de um judeu comunista e antissionista, foi um dos mais importantes historiadores marxistas brasileiros. Em 1941, entrou para a Faculdade de Direito de Salvador, época em que se filiou ao PCB. Interrompeu os estudos em 1943 quando, aos 20 anos, se alistou na Força Expedicionária Brasileira. Lutou na Europa em batalhas como a de Monte Castelo, na Itália. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, mudou-se para o Rio, onde trabalhou em jornais de esquerda e, em 1953, para São Paulo. Dois anos depois, seguiu para Moscou.

Depois do golpe de 1964, em função das divergências acerca da linha do PCB, participa da criação do PCBR junto com Apolônio de Carvalho e Mário Alves. Em 1970, foi preso e duramente torturado. Foi condenado a dois anos de prisão. Entre seus trabalhos, se destacam *A burguesia brasileira*, de 1981, e *Combate nas trevas*, de 1987. Sua principal obra foi *O escravismo colonial*, de 1978. Gorender foi reconhecido com o título de *doutor honoris causa* pela UFBA e passou a atuar como professor visitante no Instituto de Estudos Avançados da USP. Gorender era fluente na língua russa, acompanhou pessoalmente vários dos acontecimentos da fase final da União Soviética. No início dos anos 1990, publica *Marxismo sem utopia*.

59 – Eurides Mescolotto (23.9.1950, São Paulo, SP / 26.9.2017, Florianópolis, SC), então dirigente do PT.

Viveu por muitos anos em um Seminário no Paraná, onde cursou Filosofia. Deixando o Seminário, passou a morar na Favela da Vila

São Paulo em Curitiba (PR). Em Joinville (SC), trabalhou na CI-PLA, indústria plástica, como operário. Ao mesmo tempo, morando na periferia, ajudou a construir o trabalho das Comunidades Eclesiais de Base e da Pastoral Operária. Foi o primeiro candidato do PT ao governo de Santa Catarina, em 1982. Serviu o Partido em diversas funções na direção Estadual e Nacional. Em 2003, com a posse de Luiz Inácio Lula da Silva como presidente da República, assumiu a presidência do Banco do Estado de Santa Catarina (Besc). Deixou o Banco para assumir a presidência da Eletrosul, que presidiu durante sete anos.

Foi casado com Ideli Salvatti, com quem teve dois filhos: Filipi e Mariana. Casou-se também com Eliane Schmidt, com quem teve a filha Luíza. Morreu vítima de câncer aos 67 anos.

60 – Osvaldo Martines Bargas – (17.3.1951, Lucélia, SP), era coordenador-geral da Executiva do Instituto Cajamar na ocasião da foto.

Começou a trabalhar aos 13 anos. Foi funcionário da General Motors (1971-74), da Ford (1974-77), da Volkswagen (1978-79), da Kentinha (1980-84), entre outras. Foi secretário-geral (1981-83) do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, sendo cassado em 1983. Com Luís Flávio Rainho, escreveu o livro *As Lutas Operárias e Sindicais dos Metalúrgicos em São Bernardo*, de 1983. No sindicato, foi também diretor de Base (1990-93) e assessor (1994-97).

Na CUT-SP, integrou a Executiva Provisória (1984-85), foi secretário-geral na 1ª Executiva (1985-86) e na 2ª Executiva (1986-87), e secretário de Política Sindical 3ª Executiva (1987-88). Foi secretário de Relações Internacionais (1988-94) da CUT Nacional e assessor (1998-2002) da entidade até 2002.

Foi membro (1993-96) do Conselho Nacional da OIT; secretário (2003-06) de Relações do Trabalho do Ministério do Trabalho e Emprego; trabalhou (2006-09) na Brasil Telecom e integrou (2009-16) o Conselho Nacional do SESI.

Fila 6

61 - Ivan Antônio de Almeida, (28.04.1957, São Paulo, SP / 03.01.2011, São Paulo, SP), militante do PT.

Presidiu o Núcleo de Base do PT na Vila Mariana em 1984. Com a companheira Tânia Bárbaro, teve dois filhos: Dario, nascido em 1988, e Ana, em 1990. Foi doutor (1997) e mestre (1992) em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor associado II da Universidade Federal de Ouro Preto, onde coordenou o Núcleo de Estudos da Religião (NER). Teve experiência na área de Ciências Humanas, principalmente nos seguintes temas: história das religiões, história do cristianismo, religião e so-

ciologia, iconografia cristã e simbólica religiosa. Em 2000, lançou o livro *A Síntese de uma Tragédia: Movimento Fé e Política* (editora UFOP), disponível aqui: <https://www.editora.ufop.br/index.php/editora/catalog/book/79>. Foi diretor do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) no campus Mariana da UFOP por dois mandatos consecutivos (2002-06 e 2006-10). Quando se dedicava a um pós-doutorado na PUC-SP, faleceu em decorrência de um câncer de pulmão três meses antes de completar 54 anos.

62 – Valter Pomar, (28.8.1966, São Paulo, SP), então membro do coletivo da Secretaria de Formação Política do PT-SP e membro da equipe de formação política do Instituto Cajamar.

É técnico em Artes Gráficas formado pelo SENAI e historiador, mestre e doutor formado pela USP. Atualmente, é professor de Relações Internacionais e de Economia Política Mundial na UFABC e diretor de Cooperação Internacional na Fundação Perseu Abramo. Filiado ao PT desde 1985, foi dirigente municipal do Partido em Campinas (SP), secretário de Comunicação no Diretório Estadual do PT de São Paulo, vice-presidente e secretário de Relações Internacionais do Diretório Nacional do PT. Também foi secretário-executivo (2005-13) do Foro de São Paulo. Entre outras tarefas partidárias, foi assessor do prefeito David Capistrano em Santos (SP); secretário de Cultura, Esportes e Turismo na Prefeitura de Campinas; integrante da equipe do jornal *Brasil Agora* e no Instituto Cajamar.

63 – Benedito de Carvalho, ex-dirigente do Partido Comunista do Brasil.

Foi oficial do Exército e integrante do Comitê Central do PCB. Participou da insurreição de 1935 no Brasil. Com a esposa, a professora Lídia de Carvalho, foi para a China em 1958, ficando no país na década de 1960. Trabalharam como tradutores no ILEP (Instituto Latino-Americano de Estudos dos Povos). Com outro casal de brasileiros, tinham sido enviados pelo PCB à China para colaborar com o início das transmissões da Rádio Pequim, hoje Rádio Internacional da China, que foi lançada em 1960 com apenas quatro jornalistas e hoje emite em 61 línguas. Como Benedito e Lídia não dominavam o mandarim, traduziam as notícias da seção espanhola da rádio para o português. Em tempos em que a China não tinha relações diplomáticas nem com o Brasil nem com Portugal, e não havendo locutores na rádio que dominassem o português, Lídia e Benedito passaram a dar aulas do idioma a duas jornalistas chinesas do departamento de espanhol, Yao Yuexiu e Ma Enlu. O trabalho surtiu efeito. As duas continuaram por muitos anos a trabalhar nas emissões em português. Numa reportagem sobre o aniversário de 50 anos da rádio, em 2014, a jornalista Yao mencionou Benedito, seu “primeiro pro-

fessor de português”, disponível aqui: <https://www.revistamacau.com.mo/2014/12/10/cripor-a-radio-chinesa-que-fala-portugues/>.

Em 1969, Benedito e outros companheiros foram acusados pelo Ministério Público Militar de “tentativa de subversão, conforme vemos aqui: <https://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/300/279.html>

64 – Perseu Abramo, (17.7.1929, São Paulo, SP / 6.3.1996, São Paulo, SP), jornalista, professor e então integrante do Conselho Diretivo do Instituto Cajamar.

Ainda jovem, nos anos 1940, começou a trabalhar em jornais: *Jornal de São Paulo*; *A Hora*, *O Estado de S. Paulo*, onde permaneceu por dez anos, chegando a subsecretário de redação. No *Estadão*, coordenou a equipe que fez a cobertura da inauguração de Brasília e obteve o Prêmio Esso de Reportagem, em 1960. Na imprensa, também trabalhou nas redações da *Folha de S. Paulo*, jornal *Movimento*, *Jornal dos Trabalhadores*, órgão do PT, na Rádio Eldorado (1955) e na TV Globo (1983-85).

Em 1959, graduou-se como bacharel e licenciado em sociologia na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Participou ativamente da criação da UnB, onde lecionou sociologia no Departamento de Ciências Humanas, de 1962 a 1964, quando ocorreu o golpe militar, e a UnB é invadida por tropas do Exército.

Em 1968, obteve o grau de mestre em ciências humanas na UFBA. Também foi professor da Fundação Cásper Líbero (1960-62), da UFBA (1965-70) e da FAAP (1970-71). Trabalhou como professor (1981-96) na PUC-SP em disciplinas específicas de jornalismo.

É autor dos livros *Padrões de Manipulação na Grande Imprensa* e de *Um Trabalhador da Notícia*, entre outras publicações.

Para mais informações, sugerimos a leitura de sua biografia no site da Fundação Perseu Abramo: <https://fpabramo.org.br/2010/02/11/sobre-perseu-abramo/>

65 – Ana Maria Aparecida Chieffi, (17.9.1954, São Paulo, SP), então assessora no PT.

O pai, nascido em 1901, era vegetariano e iogue, morreu quando ela tinha 7 anos, influenciando-a postumamente por seus hábitos naturalistas. Aos 32 anos, perdeu a mãe, que era exímia cozinheira vegetariana. Ana é filha única. Estudou o primário no Externato Assis Pacheco, “de ambiente amoroso e acolhedor”, o ginásio no Santa Marcelina, de disciplina rígida “e de onde preferia ter sido expulsa”, e o científico no Colégio São Domingos, de onde tem ótimas lembranças, “apesar do diretor milico”. Começou a trabalhar aos 18 anos no Banco Central, onde ficou por três anos.

Graduou-se em Economia pela USP e fez mestrado em Teoria Econômica na Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Foi casada por

nove anos com Félix Schouchana, com quem teve o filho Renato em 1984.

Filiada ao PT desde os primeiros anos, foi assessora no Partido de 1981 até 1994, principalmente da Secretaria Geral. Foi dirigente do PT municipal em São Paulo no período em que Luiza Erundina foi prefeita.

Praticante de ioga há mais de quatro décadas, nos últimos anos, dedicou-se à parte espiritual e artística, especialmente meditação, canto e danças circulares. Cantou em vários corais, sendo que agora dedica-se ao Coral do Tribunal de Contas do Município e ao Coral Cênico Cidadãos Cantantes (de característica inclusiva). Integra o grupo Linhas de Sampa, coletivo de esquerda que borda pela democracia e pelos direitos humanos e faz dos panfletos bordados seu instrumento de luta.

66 – Roberto Felício, (11.01.1952, Itapuí, SP), era dirigente da Apeoesp.

Morador de Piracicaba, o professor Roberto Felício iniciou sua militância sindical na greve dos professores de 1978. A partir de 1985, integrou a diretoria da Apeoesp, da qual foi presidente por duas gestões consecutivas (1993-99). Presidiu a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) por dois mandatos seguidos (1989-93). Foi um dos fundadores da CUT, e, como representante da Apeoesp na CUT-SP, integrou a 3ª Executiva (1987-88), quando foi secretário de Formação, e a 4ª Executiva (1988-89).

Nas eleições de 2002, Roberto Felício recebeu mais de 54 mil votos e foi eleito segundo suplente a deputado estadual por SP. Assumiu o mandato em maio de 2003, depois que o titular, Adriano Diogo, assumiu o cargo de secretário municipal de Meio Ambiente de São Paulo, e o primeiro suplente, Carlos Alberto Pletz Neder, estava exercendo o mandato de vereador na capital paulista. Como deputado, dedicou-se à pauta da melhoria da educação e dos serviços públicos. Foi reeleito para a 16ª legislatura, com início em 15 de março de 2007. Em 2012, foi candidato do PT à Prefeitura de Piracicaba.

Voltou à Assembleia Legislativa por um breve período em fevereiro de 2015, na vaga deixada por Ana Perugini que havia assumido como deputada federal. Ficou no cargo até 14 de março, já que no dia 15 foi realizada a posse dos deputados eleitos em 2014 para a legislatura seguinte.

67 – Ainda não identificado.

68 – Marcos Antônio Vitorino de Almeida, (24.12.1952, Itu, SP, “mas registrado em Salto”), era metalúrgico, sindicalista e dirigente da CUT Regional 1 na ocasião da foto.

No Senai de Itu, formou-se ajustador mecânico (1966) e em desenho técnico mecânico (1974). Foi supervisor de usinagem e

montagem na Asvotec, em Monte Mor (SP), fabricante de equipamentos para siderúrgicas e Petrobras. Foi diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas (1984-87) e secretário da CUT Regional 1 (1985-88). Fundador do PT em Monte Mor na década de 80, foi candidato a prefeito da cidade em 1992, ficando em terceiro lugar entre cinco candidatos; naquele ano, o Partido elegeu dois vereadores. Embora aposentado, presta serviço de assessoria a transportadoras na região de Monte Mor, onde vive. É casado há 52 anos, tem três filhos/as, cinco netos e uma bisneta.

69 – Jorge Luiz Cabral Coelho (segurando a placa da CUT), (9.8.1952, Rosário do Sul, RS). Na ocasião da foto, era presidente da CUT-SP.

Foi membro (1983-85) da diretoria do DIEESE e dirigente do Sindicato dos Químicos de São Paulo em duas gestões: 1982-85 e 1985-88, quando foi tesoureiro. Atuou na CUT-SP em vários períodos: integrou a Executiva Provisória (1984-85); presidiu a entidade em três mandatos seguidos (1985-86; 1986-87 e 1987-88), na 4ª Executiva (1988-89), foi o secretário-geral, e na 5ª Executiva (1989-91) e na 6ª Executiva (1991-94), foi tesoureiro.

Foi vice-presidente do Conselho Diretivo do Instituto Cajamar a partir de 1988, “junto com Paulo Freire”. Em 2008, quando Ricardo Berzoini foi reeleito presidente do PT, Jorge Coelho foi vice. Foi secretário nacional (2010-14) de Mobilização do Partido e vice-presidente (2014-17) na gestão Rui Falcão. É membro do Diretório Municipal de São Leopoldo, RS, onde reside atualmente.

70 – Ainda não identificado.

71 – Ainda não identificado.

72 – Wilson Santarosa, (28.10.1948, Americana, SP), era funcionário da Replan e sindicalista.

Estudante do Ginásio Vocacional de Americana, um colégio “revolucionário” que foi fechado após o golpe de 1964, tentou ser jogador de futebol, mas o pai foi contra e exigiu que estudasse. Formou-se contador. Embora resistisse a ser “peão”, acabou passando no concurso para Refinaria de Paulínia, da Petrobras, trabalhando como operador de transferência e estocagem. Em 1978, já estava contribuindo com a arrecadação de fundos para a greve dos metalúrgicos do ABC. A partir da greve de 1983, após a expulsão do interventor da ditadura de dentro das dependências do sindicato, tornou-se tesoureiro da gestão que retomaria a organização dos trabalhadores.

Presidiu a CUT Interior SP de 1985 a 1986. Integrou a Executiva do PT Campinas de 1988 a 1989. Foi coordenador do Instituto Cajamar em 1989. Presidiu o Sindipetro de 1990 a 1992. Aposentou-se da Replan em 1996, ano em que foi candidato a vereador pelo PT em Campinas (SP), cidade onde reside atualmente.

Foi conselheiro da Petros, fundação que gerencia os planos de previdência complementar dos trabalhadores da Petrobras. Assumiu o Ceasa, em Campinas, na gestão de Toninho, assassinado nove meses após assumir o cargo de prefeito, em setembro de 2000. Santarosa voltou ao sindicato e foi ali que ajudou a rascunhar o projeto Memórias, criado em 2002, para colher depoimentos de trabalhadores da Petrobras e contar a história da categoria. Foi gerente executivo de Comunicação Institucional da Petrobras de 2003 a 2015. Mais detalhes de sua biografia aqui: <https://sindipetrosp.org.br/memorias-nos-criamos-a-identidade-da-petrobras-affirma-wilson-santarosa/>

73 – Hélio Bombardi (1950 / 13.03.2018).

Foi metalúrgico desde o início dos anos 1970. Participou ativamente das greves da categoria, sobretudo as de 1978 e 1979, e foi uma das lideranças do MOMSP (Movimento de Oposição Metalúrgica de São Paulo), tendo feito parte das chapas de oposição em 1981, 1984, 1987 e 1990 nas eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Em 1984, era da Comissão de Fábrica da Masey Fergusson e encabeçou a chapa contra Joaquinção, que foi presidente de 1965 a 1987. Na CUT-SP, foi integrante efetivo do Conselho Fiscal (1985-86) e da Executiva Estadual (1987-88) em representação à Oposição Metalúrgicos São Paulo. Foi membro da 4ª Executiva (1988-89) em representação aos Metalúrgicos de Campinas (SP). Hélio também fez parte da área sindical da campanha de Lula à Presidência em 1989 e assessorou o Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas em 1992. Trabalhou na prefeitura de Campinas, nas gestões de Antonio da Costa Santos e Izalene Tiene. Faleceu vítima de câncer aos 68 anos.

74 – Avelino Ganzer, (6.4.1948, Iraí, RS / 13.12.2023, PA), então integrante do Conselho Diretivo do Instituto Cajamar.

Uma das mais importantes referências nacionais e internacionais em defesa das lutas da classe trabalhadora rural e da Amazônia, o gaúcho que cursou contabilidade em Porto Alegre e foi bancário mudou-se com a família para o Pará em 1972 para trabalhar na construção da Transamazônica. Nessa região, passou a ser produtor rural, iniciando sua militância no campo. Envolveu-se com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, do qual ganha a direção em 1980.

Foi um dos fundadores da CUT, esteve presente já na Primeira Conferência Nacional da Classe Trabalhadora realizada em Praia Grande (SP), em 1981. Foi presidente do Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais da CUT.

Participou da fundação e organização do PT em Santarém (PA), sendo membro do 3º Diretório Nacional do PT em 1986, reeleito para o 4º DN em 1987. Em 1988, foi eleito vice-presidente da Comissão Executiva Nacional.

Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi chefe do Escritório Especial da Secretaria Geral da Presidência da República.

Em 2023, ano em que faleceu, Ganzer coordenava o projeto Transamazônica 50 + 50, que era acompanhado pela Secretaria Geral da Presidência da República “pelo caráter inovador da participação social na memória, avaliação e construção de políticas públicas nos territórios impactados pela Trasmazônica”.

Aos 75 anos, teve um câncer raro e agressivo na medula óssea, morrendo após sofrer uma parada cardíaca quando estava internado numa UTI.

75 – Ainda não identificada.

Fila 7

76 – Adair Carlos da Cruz, o Boy, (18.8.1958, Inhapim, MG, “mas registrado em Dom Cavati [MG]”), na ocasião da foto, era integrante do Fundo de Greve do ABC.

Caçula de 12 irmãos, mudou-se com a família para Diadema (SP) aos 13 anos. Até 1975, trabalhou no comércio. Em 1976, trabalhou numa trefilação e, em 1978, após a greve, foi contratado pela Ford como manipulador de equipamentos e já era montador qualificado quando “foi saído”, em 1986, durante uma greve. Participava da Pastoral Operária, tendo Frei Betto por “guru”. Em 1985, pelas mãos de Paulo Vannuchi, integrou-se ao grupo de Formação no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Em 1986, colaborou na campanha de Lula ao Congresso. Em 1987, foi para o Fundo de Greve do ABC e, de 1988 a 2015, assessorou a diretoria do sindicato. Desde então, integra a Comissão dos Anistiados Políticos do ABC, da qual é presidente desde 2023. Foi dirigente na área de Formação do PT Diadema em 1989. Mora em São Bernardo com a esposa desde 2010. O casal teve duas filhas e um neto.

77 – Maria Aparecida de Souza Barbosa, (3.8.1954, Osasco, SP / 1.12.2012, Brasília, DF), na ocasião da foto, era funcionária da Macisa Metais e militante sindical.

Foi analista de custos na metalúrgica Macisa Metais, em São Bernardo do Campo (SP), empresa na qual foi membro fundadora da Comissão de Fábrica dos Trabalhadores. Foi demitida em 6 de agosto de 1990 devido à sua militância ativa no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Trabalhou no sindicato e na CUT. Em 1999, casou-se formalmente com Mario Barbosa, dirigente no mesmo sindicato, com quem já se relacionava desde 1988. Tiveram os filhos Leonardo e Luana, que lhes deram quatro netos.

Segundo Mário Barbosa, Cida foi dependente química (cigarro e bebidas alcoólicas). Na década de 90, sofreu dois AVCs, o primeiro

em 1993, ocasião em que parou de beber. O segundo AVC aconteceu em 1997. “Os eventos com a saúde deixaram sequelas leves no corpo físico e nas funções corticais superiores, responsáveis pelo processamento de informações na comunicação. Tais eventos, no entanto, não impediram Cida de continuar curtindo o seu cigarrinho e levando a vida normal” junto ao marido e aos filhos.

Em 2006, quando o marido foi convidado a ocupar um cargo no Ministério do Trabalho, mudou-se com a família para Brasília. Ali, fez curso de pintura artística, “tendo se dedicado à produção de dezenas de pequenas obras de arte”.

No início de 2011, Cida teve diagnosticado um tumor cancerígeno no intestino, já em estado de metástase. O tratamento com a quimioterapia não conseguiu conter o avanço da doença, que acabou conduzindo Maria Aparecida a óbito aos 58 anos.

78 – Paulo Roberto Fiorilo (25.1.1964, Araraquara, SP), na ocasião, era militante do PT e professor.

É formado em Filosofia, sendo mestre em Ciências Políticas pela PUC-SP. Foi professor da rede municipal de ensino na Zona Leste de São Paulo. Iniciou sua militância política em Araraquara (SP) com os jovens ligados às Comunidades de Base da Igreja Católica. Mudou-se para São Paulo em 1984 a convite da Igreja e foi morar no Parque São Rafael, na Zona Leste. Contribuiu com a construção do PT, ao qual se filiou em 1986, e trabalhou no Departamento de Formação do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Acumulou experiência no Legislativo e no Executivo. Atuou como chefe de gabinete na Câmara Municipal de São Paulo por 14 anos e chefiou o gabinete da prefeita Marta Suplicy. De 2005 e 2008, Paulo Fiorilo exerceu seu primeiro mandato de vereador em São Paulo. Aprovou, entre outras, a lei que tornou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA-SP) um programa regular da rede de ensino municipal. Presidiu o PT na capital paulista por três mandatos. De 2009 e 2011, exerceu o cargo de secretário de Administração em Osasco, na gestão do prefeito Emídio de Souza. Em 2012, foi eleito novamente vereador de São Paulo pelo PT.

Durante seu primeiro mandato como deputado estadual por São Paulo (2018-22), foi coordenador da Frente Parlamentar de Desenvolvimento Econômico Regional e presidiu a Comissão de Relações Internacionais. Foi reeleito em 2022 e eleito líder da bancada da Federação PT/PCdoB/PV para o período de março de 2023 a março de 2025. Foi eleito presidente da Comissão de Relações Internacionais e é membro efetivo da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação e Informação, no segundo biênio da 20ª Legislatura (2025-2027). Coordena as frentes parlamentares pelo Desenvolvimento Econômico Regional, pelo Combate ao Trabalho Análogo à Escravidão e pela Valorização Ítalo-brasileira.

79 – Ainda não identificado.

80 – Paulo de Tarso Vannuchi, (15.05.1950 São Joaquim da Barra, SP), na ocasião da foto, era assessor de formação política do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Cursou de 1969 a 1971 a Faculdade de Medicina da USP, quando também foi secretário do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Nesse período, fazia militância clandestina contra o regime militar.

Foi preso em 18 de fevereiro de 1971 pelo DOI-Codi/SP e, ferido, foi encaminhado ao Hospital Militar de Área de São Paulo (HMASP), onde sofreu torturas físicas. Esteve preso por 5 anos e 8 dias com passagem por diversos cárceres da capital. Irmão de preso político, teve ainda seu primo, Alexandre Vannuchi Leme, preso e assassinado pelo DOI-Codi/SP em 1973.

Foi um dos 34 signatários do dossiê entregue ao presidente da OAB, Caio Mario da Silva Pereira, em outubro de 1975, arrolando os nomes de 233 torturadores, descrevendo os métodos de tortura, as unidades onde eram praticadas, e apresentando uma primeira lista geral dos presos políticos assassinados desde 1964.

Graduou-se em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP em 1980, com mestrado em ciência política também na USP. No início dos anos 1980, participou ao lado de Dom Paulo Evaristo Arns, da elaboração do livro *Brasil Nunca Mais*, levantamento sobre torturas e assassinatos promovidos pelo regime militar.

De 1977 a 1985, trabalhou com a Comissão Pastoral da Terra, a Pastoral Operária e as Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, promovendo cursos de formação e assessoria política para lideranças, religiosos e bispos. Foi co-fundador e membro do Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae.

Também foi co-fundador do Instituto Cajamar e assessor político da direção nacional do Partido dos Trabalhadores. Foi também secretário-executivo da coordenação nacional da campanha Lula Presidente em 1994 e 2002. Ocupou vários cargos, inclusive o de presidente, no Instituto Cidadania, atual Instituto Lula.

Foi ministro-chefe da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República de 21 de dezembro de 2005 a 31 de dezembro de 2010, tendo sido responsável pelo lançamento do 3º Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), que incluía a proposta de criação da Comissão Nacional da Verdade, e presidente do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, da Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo e do Comitê Nacional de Prevenção e Combate à Tortura no Brasil.

Foi presidente da TVT (2018-2023), membro da Comissão Interamericana de Direitos Humanos/OEA, em Washington (2014-2017). Eleito em 2025 para o Comitê da ONU contra Desa-

parecimentos Forçados, em Genebra. Um dos fundadores, em 2019, da Comissão Arns de Direitos Humanos.

81 – Humberto Aparecido Domingues, (17.10.1954, São Paulo, SP / 12.01.2015, Bragança Paulista, SP), então conselheiro no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Foi retificador ferramenteiro na Volkswagen, onde cumpriu dois mandatos na CIPA até ser eleito para a Comissão de Fábrica, que coordenou em 1985. Após a greve geral de 1980, Humberto foi perseguido e permaneceu na lista dos militares com outros 400 metalúrgicos de São Bernardo e Diadema.

No sindicato, foi segundo secretário (1981-84); membro do Conselho Fiscal (1987-90) e diretor de Base (1990-93).

Nos últimos anos de vida, dedicou-se aos processos de anistia e reparação dos companheiros perseguidos junto à Associação dos Metalúrgicos Anistiados do ABC. Faleceu aos 60 anos em decorrência de complicações relacionadas à Síndrome de Cohen. Deixou esposa e filhos. Seu velório foi realizado no cemitério da Vila Euclides, em São Bernardo, e o sepultamento no cemitério da Paulicéia, também em São Bernardo.

82 – Ainda não identificado.

83 – Ainda não identificado.

84 – Ainda não identificado.

85 – Roberto Pinto Ribeiro, (falecido em 23.02.1999), era bancário e sindicalista.

Foi empregado do Banestado. A partir de 1984, era o presidente da Federação dos Empregados em Estabelecimentos Bancários do Estado do Paraná (Feeb-PR). Com o sucesso da greve da categoria em 1985, a Feeb-PR, liderada por Roberto, participou do Congresso da CUT de 1986, no Rio de Janeiro. Mas, segundo companheiros da categoria, quando quis democratizar o estatuto, Roberto “foi derrubado por manobras dos pelegos”. Advogou para o Sindicato de Curitiba de junho de 1993, quando a entidade se filiou à CUT, até a sua morte. Nesse período, ajudou o então presidente da entidade, Roberto Von Der Osten, na negociação com o Banestado. “Foi um amigo querido, era um grande companheiro, teve uma morte trágica”, conta Osten. Portador da Doença de Chagas, morreu de infarto quando praticava natação. Em sua homenagem, o auditório da Federação dos Bancários do Estado do Paraná passou a se chamar Roberto Pinto Ribeiro em março de 2024.

86 – Pedro Tonelli, (29.5.1951, Putinga, RS), era secretário-geral do PT-PR.

Aos 13 anos, mudou-se para o Paraná, concluindo o primeiro grau em 1966 na Escola Estadual Cristo Rei, em Capanema. Agricultor,

foi fundador e membro (1976-81) da direção da Comissão Pastoral da Terra no PR; membro (1980-83) da Associação de Estudos, Assistência e Orientação Rural em Francisco Beltrão (PR); presidente (1980-83) do Sindicato dos Pequenos Proprietários Rurais de Capanema (PR); presidente (1983-85) da Microrregião Sindical do Sudoeste do Paraná, com 18 sindicatos; foi secretário-geral (1986-87) e presidente (1990-91) do PT-PR; fundador, secretário-geral (1986-87) e presidente (1990) da CUT-PR.

Pelo PT do Paraná, foi deputado(a) estadual (1987-91), sendo líder do PT na Assembleia (1987-91); deputado federal (1991-95), sendo vice-líder do PT na Câmara (1991-92). Em 1994, foi candidato ao Senado.

De 2003 a 2016, quando se aposentou, fez parte da gestão da Itaipu Binacional na diretoria de Coordenação e Meio Ambiente. Em 2014, elegeu-se segundo suplente de Gleisi Hoffmann no Senado. Vive em Capanema (PR) com Neli, com quem está casado desde 1973.

87 – Durval Aparecido Ferreira de Carvalho, (5.4.1959, Frei Gaspar, MG), então dirigente da CUT-SP e do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas.

Aos 13 anos, ainda sem ter frequentado escola, “sabendo apenas escrever o nome e a tabuada”, migrou com a família “católica e rural” para o Paraná, onde também trabalhavam na terra. Durval era roceiro. Cansada da exploração dos atravessadores, em 1976, a família mudou-se para Campinas, onde trabalhou como peão de obra e foi carpinteiro. No final dos anos 70, Durval formou-se no Senai em desenho técnico e ajustagem mecânica. Conseguiu, em 1978, seu primeiro emprego como metalúrgico na Cobrasma, empresa do ramo ferroviário. Nessa época, já estava engajado nas Comunidades Eclesiais de Base em Campinas. Em 1979, participou da primeira grande greve da categoria pela reposição das perdas, quando, mesmo contra a vontade do sindicato pelego, conseguiram fazer parar três grandes plantas: além da Cobrasma, a General Eletric e a Mercedes-Benz. Aos 22 anos, encabeçou em 1981 a chapa de oposição no sindicato. Elegeu-se presidente em 1984, sendo reeleito em 1987. Após esses mandatos, permaneceu mais nove anos no sindicato como diretor de Base. Foi membro efetivo da 3ª Executiva (1987-88) da CUT-SP e membro (1988-94) da Executiva Nacional da CUT, sendo secretário Sindical e vice-presidente. Presidiu o PT-Campinas de 1999 a janeiro de 2001 e no biênio 2017-19. Está aposentado desde abril de 2024. Mora em Campinas.

88 – Ainda não identificado.

Fila 8 (junto à faixa do evento)

89 – Francisco Macena da Silva, (12.9.1962, Bom Conselho, PE), então administrador regional na Prefeitura de São Paulo.

Formado em Administração de Empresas. Assumiu vários cargos na direção municipal do PT na cidade de São Paulo e no Diretório Estadual. Foi diretor do Instituto de Planejamento/INCAPLAN (1991-93) e do Instituto Cajamar (1991-94). Na cidade de São Paulo, foi administrador regional/subprefeito (1987/90); presidente da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) de 2000 a 2003; vereador por dois mandatos (2005-12); secretário municipal de Coordenação das Subprefeituras (2013-14) e secretário de Governo (2014-16).

Entre os Conselhos de Administração de Empresas dos quais participou, estão: Companhia do Metropolitano de São Paulo/METRÔ (2014-16); Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação/PRODAM (2013-16); São Paulo Urbanismo – SP Urbanismo (2013-16); Conselho do Fundo Gestor de Saneamento Ambiental e Infraestrutura (2013 a 2014); Comitê Gestor Sabesp/Arsesp – Prefeitura de São Paulo – (2013-16); Conselho Municipal de Política Urbana/SP (2014-16); Conselho Nacional de Trânsito/CONTRAN (2000-03); vice-presidente do Fórum Nacional de Secretários de Transporte e Trânsito (2001-03); Conselho da Associação Nacional de Transportes Públicos/ ANTP (2001-03).

90 – Ranulfo Peloso, (23.12.1945, Belterra, PA), então assessor da Secretaria Rural (depois Departamento Rural) da CUT- SP.

Cursou o Instituto Teológico do Recife (1967-72), atuando no movimento estudantil e simultaneamente num grupo chamado Encontro de Irmãos, que correspondia à época ao que depois se chamou de Comunidades Eclesiais de Base. Esteve na fundação da Comissão Pastoral da Terra em 1975, em Goiânia (GO), militando na Pastoral de 1975 a 1982, no estado do Pará. De 1974 a 1980, participava da oposição sindical no Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santarém (PA), onde depois foi dirigente, sendo também delegado representante (1980-83) junto à federação. Na entidade, atuou ainda na equipe de educação sindical (1974-83). Filiado ao PT-Santarém, trabalhou na Secretaria de Formação. Foi assessor (1985-87), da então Secretaria Rural (depois Departamento Rural) da CUT- SP. Em 1988, atuou no Instituto Cajamar. Foi educador popular (1985-87) no Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae).

91 – Nilto Ignacio Tatto, (31.7.1963, Frederico Westphalen, RS), era coordenador do CEDI na ocasião da foto.

O pai, pequeno agricultor, mudou-se com a família para o Paraná e depois para São Paulo em 1978. Nilto é filiado ao PT desde 1980. É graduado em Estudos Sociais pela Unisa. Coordenou (1983-94)

o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI). Foi fundador do Instituto Socioambiental, do qual foi coordenador (1994-2014).

Foi representante (2005-14) na Câmara Técnica de Gestão e Planejamento, São Paulo, SP; membro (2005-06) do Conselho Municipal de Política Urbana, São Paulo; conselheiro (2008-12) no Comitê Assessor Externo da Embrapa Meio Ambiente, em Jaguariúna (SP); conselheiro (2023-24) no Conselho de Educação Escolar Quilombola, São Paulo; conselheiro fiscal (2013-14) no Ação Educativa, São Paulo.

Foi eleito deputado federal por São Paulo nas eleições de 2014 com 101.196 votos, sendo reeleito em 2018 e 2022. Apresenta-se em suas redes sociais como “O Ambientalista no Congresso”. É o 1º Vice-Presidente da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara. É um dos quatro representantes da Câmara no Comitê Interinstitucional de Gestão do Pacto pela Transformação Ecológica entre os Três Poderes do Estado brasileiro.

92 – Ainda não identificado.

93 – Paulo Sérgio Carvalho, (27.4.1954, Jataí, GO), então assessor de formação no Sindicatos dos Bancários de São Paulo.

Estudou Psicologia na Universidade de Brasília (1972-77), período em que começou sua militância no movimento estudantil. Em 1973, passou em sexto lugar no concurso para o Banco do Brasil. Foi a partir desse trabalho que começou a ter contato com a oposição sindical bancária. Integrou as chapas e a diretoria do Diretório Universitário. Participou ativamente da greve de 1977.

Em 1978, foi para São Paulo para cursar mestrado em Psicologia Social na PUC-SP e conseguiu transferência do BB para o CESEC (Centro de Computação), “que era um celeiro de criar militância”. Rapidamente, transformou-se em liderança naquela região de Santo Amaro, Zona Sul da capital paulista. Em 1979, participou ativamente da oposição “que arrancou os pelegos” do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Na eleição seguinte, em 1982, integrou a diretoria, que logo foi cassada devido à greve geral de julho de 1982, um mês antes do congresso de criação da CUT. Na chegada a São Paulo, já estava decidido a participar organicamente do PCB, mas o Partido levou quase um ano para chamá-lo. Na casa dos amigos que já militavam no PCB, viu o surgimento do Centro Brasileiro de Estudos da Saúde e conheceu David Capistrano Filho, por exemplo.

Trabalhou no Instituto Cajamar de maio de 1988 a 1990, em período integral, sendo parte do grupo de sete pessoas coordenado por Regina Queiroz que foi contratado para participar do Projeto ISCOS, de cooperação com a central sindical italiana CISL. Os ou-

tros contratados eram Leandro Valarelli, Maria Célia Cantu, Dimas Gonçalves, Luis Flavio Rainho e Newton Basile.

Do INCA, regressou ao BB, mas logo aderiu ao um Plano de Demissão Voluntária e passou a ser assessor de formação (1991-94) no SEEB-SP. Regressou ao mestrado, dedicando-se à Psicologia Clínica e o concluiu em 1999. Sua dissertação foi *Acoplamentos: um estudo sobre a interação entre humanos e computadores*. Trabalhou nesse período com revisão e preparação de originais de textos.

Foi secretário de Planejamento Estratégico (2001-02) do prefeito Celso Daniel e depois do prefeito João Avamileno, de Santo André. Trabalhou no Ministério da Saúde (2003-4) na criação da PNH ou HumanizaSUS, criando e coordenando comitês técnicos de saúde.

Foi diretor de Formação Profissional e depois, de 2011 a 2014, presidente da Escola Nacional de Administração Pública. Em seguida, foi bolsista da Fiocruz até janeiro de 2023, trabalhando pelo credenciamento da Fiocruz como Escola de Governo.

Novamente bolsista na Fiocruz, trabalha atualmente na pauta do envelhecimento, tendo organizado a “Conferência Nacional Livre pelo direito da pessoa idosa à educação digital para ampliação do acesso ao cuidado integral”, realizada em 10 de setembro, atividade de preparatória da 6ª Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa.

94 – Ainda não identificado.

95 – Ainda não identificado.

96 – Ainda não identificado.

97 – Ainda não identificado.

98 – Marco Aurélio Garcia, o MAG, (22.06.1941, Porto Alegre, RS / 20.07.2017, São Paulo, SP), então diretor do Arquivo Edgar Leuenroth, da Unicamp.

Foi vice-presidente da UNE nos anos 60. Ainda estudante e militante do Partido Comunista, elegeu-se com 1.084 votos, pela legenda do Partido Republicano, segundo suplente de vereador em Porto Alegre para a legislatura 1964-1968. Em substituição ao vereador Lauro Hagemann, chegou a exercer o mandato.

De 1970 a 1979, esteve exilado no Uruguai, no Chile e na França. Durante parte deste período, foi militante ativo do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) chileno. Lecionou no Departamento de História da Unicamp, na Universidade do Chile, na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais e nas universidades Paris VIII e Paris X, na França. Foi fundador do PT e Secretário de Relações Internacionais do Partido (1990-2000), tendo participado da criação do Foro de São Paulo. Foi secretário de Cultura nas prefeituras de São Paulo (2001-02) e de Campinas (1989-90); presidente

interino do PT (2006), partido do qual também foi vice-presidente (2005-2010); assessor especial da Presidência da República para Assuntos Internacionais nos governos Lula e Dilma. Nas eleições de 1994, 1998 e 2006, coordenou o programa de governo de Lula e, em 2010, o de Dilma. Morreu aos 76 anos, vítima de infarto. Junto com Celso Amorim, Samuel Pinheiro Guimarães, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, MAG foi um dos principais formuladores e executores da política externa conhecida como “ativa e ativa”. Veja aqui: <https://fpabramo.org.br/cooperacao-internacional/verbete/marco-aurelio-garcia/>

★

Expediente da primeira edição

INSTITUTO CAJAMAR
COLEÇÃO UNIVERSIDADE LIVRE DOS TRABALHADORES

Este livro é uma publicação do Instituto Cajamar

Editor: Carlos Eduardo Carvalho.
Colaboradores: Marco Aurélio Garcia, Marco Piva, Rui Falcão, Valter Pomar, Wladimir Pomar.
Capa: Valter Pomar.
Composição, past up, fotolito, impressão e acabamento: Cia. Editora Joruês.

O Instituto Cajamar é uma entidade sem fins lucrativos que visa desenvolver esforços para elevar o nível de formação e informação da classe trabalhadora brasileira.

Conselho Diretivo
Paulo Freire (presidente), Jorge Coelho (vice-presidente), Luiz Gushiken (secretário), José Luís Gonçalves, Arlindo Chinaglia, Avelino Ganzer, Frei Betto, Gilberto Carvalho, Luiza Erundina de Sousa, Olívio Dutra, Paul Singer, Paulo Schilling, Perseu Abramo, Rui Falcão, Walter Barelli.

Coordenação Executiva
Osvaldo Bargas (coordenador-geral), Wladimir Pomar, Devanir Ribeiro, Wilson Santarosa, Pedro Pontual, Regina Festa, Nobuco Kameyama, Durval de Carvalho, Luiz Azevedo, Miguel Rupp, Wander Prado e Aloizio Mercadante.

Conselho Fiscal
Maurício Soares de Almeida, Valderi Antão Ruviaro, Djalma de Souza Bom.
José Cicote, Epitácio Luiz Epaminondas, Marcos Antonio Vitorino de Almeida (suplentes).

★

Frases constantes das abas da primeira edição

Aba da capa

(...) eles não queriam que a gente criasse o PT, porque eles já tinham os partidos deles e achavam que o partido deles era o partido da classe trabalhadora (...)
Luiz Inácio Lula da Silva

(...) eu era secretário-geral do Partido, e uma situação de isolamento total como a minha era realmente trágica (...)
Luiz Carlos Prestes

(...) eu acho o PT um dos partidos mais revolucionários que já surgiu na história desse país (...)
Luiz Inácio Lula da Silva

(...) Aqui no Brasil, não temos ainda conhecimento suficiente do marxismo (...)
Luiz Carlos Prestes

(...) quem sabe onde é que a história vai são as massas, nos seus erros e acertos. E aí eu fico com Rosa Luxemburgo, que dizia preferir os erros de milhões e milhões de trabalhadores aos acertos de meia dúzia de membros do Comitê Central (...)
Marco Aurélio Garcia

(...) PCB, PCdoB, a experiência de organização e de atividade política inspirada na experiência da III Internacional “acabou”, é hoje uma expressão residual, não tem mais a menor importância quando se fala de esquerda, de movimento de massa, de unidade de esquerda (...)
David Capistrano Filho

(...) Temos uma responsabilidade histórica muito grande. Se o PT e o seu projeto fracassarem, os principais responsáveis seremos nós (...)
Marco Aurélio Garcia

(...) nossa geração teve na cadeia um período muito importante de experiência, de escola (...)
Paulo Vannuchi

Aba da contracapa

(...) Não é o debate teórico em si que vai mostrar a razão de um ou de outro lado, mas toda a nossa experiência mostra que sem isso, sem esse debate democrático, franco, aberto, é impossível aprender com os próprios erros (...)
Wladimir Pomar

(...) Estamos começando a publicar toda a documentação que mostra que, nessa fase [início dos anos 30], quem estava mais avançado nas bases do movimento operário eram os trotskistas e socialistas (...)
Fúlvio Abramo

(...) Guardo uma certa saudade vaidosa do caráter profundamente revolucionário do PCB dos anos 30 (...), apesar dos seus erros, muito voltado para a luta (...). A esquerda nasce e vive cronicamente em clandestinidade devido à intolerância das classes dominantes. Isto vai pesar profundamente (...)
Apolônio de Carvalho

(...) A disjuntiva que se apresentou e nos arrastou era: ou o pacifismo reboquista do PCB, reformista, desmoralizado, ou a luta armada imediata, o que era, na época, violência fora de condições históricas determinantes, violência como um ato de vontade (...)
Jacob Gorender

José Dirceu, Benedito de Carvalho, Juan Valdés Paz, Julio Jimenez, Marcos Arruda, Marco Piva, Daniel Aarão Reis, Rui Falcão são outros dos participantes do Seminário Internacional 70 Anos de Experiências de Transição Socialista, que, durante cinco dias, no Instituto Cajamar, discutiu a luta pelo socialismo na União Soviética, na China, em Cuba, na Nicarágua e no Brasil.



Este livreto contém a minibiografia de parte das pessoas que aparecem na fotografia coletiva tirada ao término do seminário realizado pelo Instituto Cajamar, em 1987, para debater setenta anos de tentativas de construção do socialismo.

A terceira edição do livro 1917-1987 Socialismo em Debate, com a transcrição editada dos debates travados no referido seminário, pode ser obtida na página eletrônica da Fundação Perseu Abramo.

Neste livreto, reproduzimos o caderno de fotos incluído ao término da terceira edição.

A libertação da classe trabalhadora é uma obra coletiva. Cada conquista, pequena ou grande, foi e será resultado da ação de dezenas, centenas, milhares, milhões, dezenas e centenas de milhões de pessoas, ao longo de muitas gerações. A maioria destas pessoas terá, quando muito, sua memória preservada por seu familiares e amigos próximos. Exceto quando há instituições que entendam o quão importante é, para o sucesso de nossa luta, quebrar este relativo anonimato e preservar a memória de todas as pessoas que participam de nossa caminhada coletiva em direção ao socialismo. Este é o espírito deste livreto e da fotografia que o acompanha.